



André Rossi Canals

AS CARTAS DA FAZENDA



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Oi, mãe!

Como estão todos? A senhora? A mana? E os tios? A vó? Não soube mais nada deles, estão bem? Antes de vir pra fazenda, já não sabia nada deles, como vão?

Quero contar uma coisa. Quando cheguei aqui, achei muito estranho tudo. Acho que pensei isso porque sou acostumado com a cidade, sempre vivi na cidade, acho que é por isso.

Quem sempre viveu na cidade leva tempo para se acostumar no campo, numa fazenda. É tudo diferente, diferente mesmo. É muito calmo aqui, muito silêncio. Na cidade é outra coisa. Vai tudo no barulho, tem mais bagulho para fazer. Ai é isso, só agitação. Mas aqui não tem nada disso, mãezinha.

Mas eu quero contar outra coisa, mãe. Eu cheguei com as minhas coisas na minha mochila e eles se admiraram das poucas coisas que eu tinha. Poucas roupas e poucos calçados. Pediram se eu tinha material de higiene, e eu não tinha. Eles deram pra mim e depois iam cobrar de você.



André Rossi Canals

AS CARTAS DA FAZENDA



André Rossi Canals

**AS CARTAS
DA FAZENDA**

ROMANCE

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2019

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilhual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisão Crítica: Vera Ione Molina Silva

Desenho da capa: Tânia Du Bois;

Arte da Capa: Maria Lucina Busato Bueno / Figuras e flores / Série Faces / Tintas naturais / 62x70 cm / 2010 / Acervo particular.

C212c Canals, André Rossi

As cartas da fazenda [recurso eletrônico] : romance / André Rossi Canals. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2019.

6,5 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-395-1

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Romance brasileiro.
I. Título.

CDU: 869.0(81)-31

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

*“uma carta uma brasa através
por dentro do texto nuvem cheia da minha chuva
cruza o deserto por mim
a montanha caminha
o mar entre os dois
uma sílaba um soluço
um sim um não um ai
sinais dizendo-nos
quando não estamos mais”*

Paulo Leminski

Sumário

PRIMEIRA PARTE

TEMPOS AGÔNICOS.....	9
I	11
II	15
III.....	21

SEGUNDA PARTE

DOR E PRAZER.....	27
IV	29
V.....	37
VI	39
VII.....	43
VIII.....	45
IX	49

TERCEIRA PARTE

ALMA DECADENTE.....	55
X.....	57
XI	63
XII.....	67
XIII.....	71
XIV.....	77
XV.....	79

QUARTA PARTE

A FAZENDA.....	81
XVI.....	83
XVII.....	85
XVIII.....	89
XIX.....	91
XX.....	95
XXI.....	97
XXII.....	99

QUINTA PARTE

BUSCAS E REVOLTAS	101
XXIII.....	103
XXIV.....	105
XXV.....	111
XXVI.....	115
XXVII.....	121

SEXTA PARTE

O MAR	123
XXVIII.....	125
XXIX.....	131
XXX.....	133
XXXI.....	139

The background of the cover is a light gray, monochromatic illustration. It features several stylized human faces in profile, rendered with white outlines and some shading. The faces are arranged in a way that suggests a sequence or a shared experience. In the lower center, there is a hand holding a flower, also rendered in a stylized, white-outlined manner. The overall aesthetic is reminiscent of mid-20th-century graphic design or modernist art.

PRIMEIRA PARTE

**TEMPOS
AGÔNICOS**

I

O dia será aflitivo, é o seu pressentimento. Devido ao compromisso na delegacia? Na verdade, uma intimação. A arrumação da casa ficará para trás, esquecida; quem quiser reclamar de algo, que venha ajudá-la. Quem sabe Denise, quando acordasse, teria a disposição de fazer algum serviço. Sente-se exausta. Ano de angústia, época terrível. Quando Deus iria olhar por ela? Nunca terá uma vida melhor? Onde teria errado com a família? Com os filhos?

Após eliminar as interrogações, pega a bolsa, fecha a porta e dirige-se à delegacia. Vai a pé, não tem um centavo para o ônibus e muito menos para um táxi. A cabeça gira, minutos depois, é a labirintite retornando, esqueceu o remédio? Diminui o passo. O sono foi precário naquela noite, teve pesadelos.

O sol encarnado da manhã dirige-se ao seu destino. O calor penetra as entranhas das pessoas na rua. Antônia resolve atrasar a caminhada: senta-se num banco da Praça Tamandaré. A subida da rua Uruguai exigiu muito. O delegado que espere, a fadiga domina o corpo. Não tem vontade de chegar até o compromisso. São uma chateação esses depoimentos, principalmente quando é mulher a interrogada. A mulher, além do peso de criar os filhos, tem de ir várias vezes até uma delegacia, isso é uma vergonha, pensa.

Resigna-se em responder às perguntas do delegado Carlos Luiz. Nenhuma mulher deveria passar por isto. Onde está a lei para defendê-la? A Maria da Penha, talvez? Mãe é mãe, nunca faria mal a um filho. As mães têm o maior coração do mundo. Sua cabeça ferve.

Os plátanos da praça parecem uma boa proteção, dão um ar de segurança; uma brisa brinca no rosto, chama a seguir o destino. Levan-

ta-se, vai à avenida Brasil e toma a direção da delegacia. Quando chega, o prédio parece ser maior, a tontura volta e tem de se encostar à parede da entrada. As pessoas que aguardam, apenas a olham.

Antônia é uma bela mulher, os cabelos lisos e negros contrastam com a pele branca, e o rosto é bem-desenhado. Os homens a examinam com o olhar firme. Sentada, de cabeça pendida para a frente, sente isso.

– Dona Antônia da Silva é a senhora? Pode entrar, – chama um policial.

Entra na sala e encontra o delegado alisando o bigode com a mão direita.

– Como vai? Tudo bem com a senhora? – O homem parece confiante, apesar das muitas indagações por fazer sobre o boletim de ocorrência do desaparecimento do filho Dênis. As investigações continuam e tomam muito tempo dele. – Vamos começar nossa conversa de hoje?

– O senhor inicia e diz que é uma conversa informal. Mas é registrado tudo no computador. Pensam que sou responsável pelo desaparecimento do meu filho? Não adianta nada eu falar que sou inocente.

– Antônia desabafa e se cala, sem fôlego para continuar.

– Gostaria que fornecesse informações da personalidade do seu filho.

– Vai precisar ter muita paciência comigo. Fiz todo o percurso até aqui a pé. – À medida que fala, recupera a respiração. – Ele é um guri forte, como já sabem, trabalhou em construção. Um guri bonito, mas sem cabeça. Metido com drogas, ficou violento nos últimos anos. Há muito tempo não estuda mais, nem trabalha, nem na fazenda realizava alguma coisa.

– Quanto tempo ficou na fazenda?

– Um ano e alguns meses. Hoje penso que não adiantou muito ter ido para lá. Não se recuperou, até piorou, não tenho boas lembranças de lá. Acho que tinha muita folga, fugia do trabalho. Só consegui visitar ele uma vez, e telefonar não dava certo. Ele tinha até contato com as porcarias. Sempre me deu trabalho e houve um tempo que não queria voltar pra casa. Eu tinha notícia que ele havia aprontado mais alguma. Não sabia como lidar com ele. Um tempo tive até medo que me pulasse. Tinha olhos de gente furiosa, maldosa, e também emagreceu muito nas

últimas semanas. Tudo que fiz por ele, tudo que ensinei, parece que de nada valeu.

Enquanto Antônia fala, o delegado, silencioso, medita sobre suas palavras, mas não queria que ela observasse isso. Procura não deixar transparecer sua tática para desvendar o mistério do rapaz.

– Eu não entendo como a Polícia não conseguiu achar o menino. Eu mesma fui buscar na fazenda, e depois ele procurou emprego e queria voltar a estudar.

Carlos Luiz continua absorto, olhando-a nos olhos.

Antônia relata todas as agruras que passou com Dênis, as coisas anormais que fez, o desgosto com a escola, o uso de drogas, as aventuras com Maiquel. Naquele ano, além do sofrimento com o filho, também acompanhou a angústia do marido que, sendo um bom companheiro, após descobrir que o filho consumia drogas, adoeceu e faleceu logo. Quando voltou da fazenda, o menino desapareceu inesperadamente. A Polícia não o encontrava e ela também não podia ajudar. Levou um tempo para compreender o sumiço e as interrogações dos policiais.

Sai da delegacia desesperançada, pensando num destino cruel pela frente, sente muitas saudades. Quer o filho por perto para cuidá-lo, recuperá-lo, acariciá-lo, era filho, apesar das angústias que provocava nela. Não se importa mais com suas travessuras, grosserias e impertinências, apenas gostaria que estivesse perto.

A subida da avenida Brasil é implacável, as pernas cansam e a cada passo doem. Faz muito calor. Nenhum pedestre conhecido para conversar, nenhum carro que passa traz a esperança de uma carona.

II

No dia em que Antônia foi à delegacia, fazia um mês que Dênis voltara da fazenda. Ela ainda avaliava o tratamento, a sua estada lá. Não notou a mudança que tanto esperava. Viúva, e com uma menina ainda por criar, tudo fica mais difícil.

Quando saiu da fazenda teve assomos de alegria, como se estivesse se libertando de uma prisão – e teve essa impressão mesmo. Aquele lugar era um fim de mundo, com pouca gente, sem prazer, um deserto, apesar de outros meninos viverem lá. Agora podia fazer o que quisesse.

À noite, enquanto os funcionários da fazenda dormiam, ficava andando, tinha cúmplices, podia explorar alguns vícios. Alguns péssimos hábitos pôde cultivar. Apesar dessas aventuras, o desejo de viver fora dali era grande.

É uma sexta-feira iluminada. Em frente ao portão, com uma mochila nas costas, espera a mãe chegar. Ela está atrasada, sua paciência, em pouco tempo, iria embora. Além da demora em me tirar daqui desta espelunca, ainda demora, pensa impaciente.

Antônia desce do ônibus perturbada e toma a direção de onde o filho aguarda. Quando o avista, sente um aperto no peito: ele está magro e tem a pele escurecida. Dênis, quando a enxerga, não esboça um sorriso:

– Está louca, fiquei cansado de esperar.

– O ônibus atrasou, meu filho, – justifica ela, abraçando-o, e sentindo sua frieza.

Assimila o asco da recepção. Por mais que o conhecesse, não suportava essa atitude, nunca aceitou. Planejava para a família um belo futuro, mas ele foi o primeiro a se perder. Olha ao redor, procurando a parada do ônibus, não podem se demorar.

Dirigindo-se à rodoviária, a conversa fica em torno do que ele fez na fazenda. Dênis conta que toda manhã levantava, tomava banho e café e depois ia para a reunião terapêutica. Após o almoço, tinha o serviço rural. Era tratar das criações, regar os jardins, cuidar da grama. À noite, não tinha muitas atividades.

Antônia pensa sobre as atividades noturnas: parece que o filho não quer falar sobre isso. Trava a conversa. Ela resolve interpelar:

– De noite, o que faziam? O que me falou até agora eu já sabia.

Dênis fica mudo e distante.

A agitação no ônibus aumenta, enquanto vão em direção à cidade. É início de março, o movimento expande-se com os turistas retornando para casa.

– Essa gente daqui fala esquisito – observa Dênis, tentando se esquivar da curiosidade da mãe.

– Aqui é Florianópolis, é natural que a maioria seja catarinense. Eles têm um sotaque diferente do nosso. Mas, me responda, o que faziam à noite na fazenda?

– Mãe, a única vez que veio me vê, não deu pra notar?

Antônia não quis mais conversa, após notar o ar asqueroso do filho. Imagina o porquê do seu comportamento, não mudou durante o tempo na fazenda.

O ônibus chega à rodoviária e ela compra as passagens com destino a Passo Fundo. São sete horas de viagem, tempo suficiente para pensar; Dênis recosta-se na poltrona e adormece. Antônia começa avaliar como seria a vida com a volta do filho. Sempre foi uma mulher condescendente com suas travessuras, mas nos últimos tempos, as coisas tornaram-se sérias demais. E quando ele cresceu, tornou-se ardiloso, fez coisas que não tinham conserto.

Recosta-se também procurando o sono. A angústia devasta sua mente. Mergulha num sonho em que percorre um longo caminho. O horizonte é colorido, tem um mato que exala um frescor leve, o céu azul cobre a paisagem. De repente, depara-se com uma encruzilhada e uma dúvida toma conta da imagem. O sonho torna-se nebuloso e uma névoa fica intumescida, sombria, e num sobressalto, surge Dênis ensanguentado a sua frente.

Acorda sufocada.

– O que foi, mãe?

– Nada! Fica tranquilo.

Por alguns instantes aquieta-se, tenta não deixar transparecer a ansiedade para o filho. O rapaz coloca fones nos ouvidos, e parece que por muito tempo iria escutar música. Por sua vez, pensa no sonho. Era tão nítido e transparente. Revelador, queria dizer algo daquela alma que dormitava a seu lado. Enfim, pega no sono pelo restante da viagem.

Desembarcam na rodoviária de Passo Fundo às quatro horas da madrugada. Antônia não pode pagar um táxi que os leve para casa, e ainda tem de revelar a penúria em que se encontram para Dênis. Num país como este, o trabalhador não pode ausentar-se do trabalho, que depois descontam no contracheque, pensa.

Com a volta do filho para casa, termina a licença e ela voltará ao trabalho, se estiver ainda empregada. Sabe-se lá, fala para si.

– Vamos ter de caminhar muito, filho.

– Com o sono que tenho, não sei. Ainda bem que fica perto, o problema é a subida até o centro. – Fala baixo.

– Mas tá enganado. Não moramos mais na Vera Cruz, tive que entregar a casa do seu Álvaro. Moramos no Boqueirão, numa casa do tio Alberto.

Dênis faz um muxoxo, inclina a cabeça e continua caminhando.

Os pensamentos continuam atropelando Antônia. Recebe o filho após quinze meses fora de casa. Não vê um crescimento, um avanço ou amadurecimento. Ainda é, sim, uma criança, não um homem. Assumiu uma postura errante, divagante, parece que a infância não acaba nunca. A escola ficou para trás, como também os compromissos de emprego. As meninas que namorou, cedo largou. Foram tantas: Renata, Patrícia, Jéssica, Monique, Fernanda, Amanda, Michele... Gostavam dele, mas ele não correspondia. Muitas vezes, ela queria que o filho assumisse uma, quem sabe assim o ajudasse a criar juízo.

Teria muito para refletir, agora, com ele de volta, perto de si, o mesmo filho que foi um dia exemplar. Entretanto, hoje, só dá preocupações.

Quando chegam em casa, Dênis vai logo perguntando:

– E a mana, mãe?

– Deve estar dormindo.

– Ela ficou sozinha?

– Não, né, a Denise ficou com o tio Tonho. Não ia deixar a menina aqui, sozinha, – responde Antônia, com certa irritação. E continua:

– Como pode pensar que sou irresponsável?

– Onde vou dormir?

– Tem um lugar pra você.

Amanhece chovendo, Dênis acorda com o gotejar da água, cujo brilho vê quando abre a janela. Boceja com sentimento de que não poderia dar umas voltas. Nesta casa não deve ter um guarda-chuva, reclama. Pelo vidro, se depara com as árvores robustas do fundo do quintal, não são frutíferas, como na outra casa. Comenta que deveria ter uma piscina aqui, e não esse mato. Que vida levaria? – considera.

Quando vai para a cozinha, encontra a mãe preparando o chimarrão e vê que tudo é como no passado; nenhum aparelho ou móvel novo. O mesmo rádio e as mesmas músicas sertanejas que a mãe escutava com o pai. Ela está mais envelhecida, cabelos brancos bem nítidos. Mesmo assim, acha-a uma mulher bonita. Como não conseguiu outro marido ainda? – Pensa, melancólico.

– Bom dia, meu filho. Você quer chimarrão ou café?

– E o que tem pro café? – Interroga com rispidez, como dizendo “não me conhece mais?”.

– Pão, margarina, leite... – Antônia fala sentida, ele não respondeu ao seu cumprimento, e ela também não gostou do ar autoritário da pergunta. Ora, pois, o café sempre foi o mesmo em casa.

O silêncio domina a cozinha, enquanto tomam as primeiras cuias de chimarrão. No rádio, o locutor anuncia um intervalo comercial. Antônia fica absorta nas dúvidas quanto ao futuro do filho. Estudos, trabalho, recuperação médica. Inclusive, amizades, que talvez fosse o mais preocupante. Conclui que as companhias foram as principais causas da decadência dele. Para quebrar o silêncio, pergunta:

– O que vai fazer, agora?

– Vou tomar mate. – Responde como se não tivesse entendido. Olha a mãe de soslaio.

– Você bem sabe o que estou te pedindo, – fala e dá um suspiro.

– Agora tem as férias ainda, não vou me preocupar.

– Férias de quê? Você?

– Aquela fazenda era um saco e não me adiantou pra nada.

– Você vai procurar um emprego e se matricular numa escola. – Enquanto fala, Antônia se angustia e, para não transparecer seu estado, mexe na bomba do chimarrão.

Agonia e desolação revoam na casa por uns instantes.

Dênis argumenta:

– Não tenho o que fazer agora. Não tenho documentos pra escola. Não tenho grande experiência em emprego algum. Perdi meus contatos, não conheço mais ninguém...

Antônia interpela:

– Teus contatos eram da piazzada inútil que não estudava, nem trabalhava, vivia na rua. Não deve pensar que é ruim perder eles de vista. Não te fazem nenhuma falta, não são nem amigos de verdade. Amigo não leva o outro pra fazer coisa ruim, mas sim leva pra coisa boa, positiva, saudável. Devia pensar nisso. Te dou uma ideia: vai numa escola pra voltar a estudar e procura um emprego. São duas coisas a fazer agora.

Dênis não gostou nada de ouvir aquilo, sua mãe enfaticamente falando daquela maneira. As palavras entram nos ouvidos, batendo como um martelo bate no prego, rasgando a madeira. Ao mesmo tempo, lembra seus sermões anteriores à fazenda. Eram na hora do chimarrão e sempre com palavras duras. Quando ela fazia isso, falava mansamente, com um português correto que o convencia. Parava pouco em casa, mas quando estava perto dela, a escutava muito brava, apesar de sua voz baixa.

Coça a cabeça, quer falar alguma coisa, mas a mãe continua:

– E te digo mais, deve ir logo fazer isso na segunda-feira, não pode perder mais tempo. Já perdeu muito na tua vida. Até na fazenda perdeu muito e eu quero saber, outra hora, o que fazia lá. Não sei de

nada, como pode não me contar nada por mais de um ano? Assim, dessa maneira? – Quando diz essas palavras, Antônia muda o tom da voz e nota que Dênis se assustou, arregalando os olhos.

– Mas a senhora quase não foi na fazenda me visitar, também!

– Como eu podia ir? Tua irmã doente, com asma, sem casa para morar, estava na rua, fomos despejadas. Hoje moramos de favor numa casa do tio de vocês. Fiquei um tempo sem trabalhar. Ainda você ficou distante na fazenda, aprontou demais e teve de ir pra lá, pra se recuperar. Não tinha mais o que fazer. O que fazer contigo? Se entregou às más companhias, que tu chama de amigos ou parceiros, galera... Ficamos sem dinheiro e você o que fez? Até vendeu as coisas de dentro de casa.

As palavras martelam na cabeça de Dênis. Enquanto ecoam, baixa os olhos e fica pensativo por um tempo.

Na segunda-feira, saem cedo de casa com vários destinos. Mas antes, Antônia telefona para a loja e dá o aviso que retornará apenas no outro dia ao serviço, coisa que não gosta de fazer, embora precise nesse momento. São três afazeres naquele dia: buscar Denise na casa do irmão, arrumar um emprego para Deninho e matriculá-lo numa escola. Segue pelas ruas com o filho silente ao seu lado. Também, pensa ela, não tem o que falar. Coloca-o a arrumar e limpar a casa no domingo, enquanto descansa e se entrega às recordações. Faz uma tentativa de penetrar na cabeça do filho. Quer lhe pôr no prumo. “Teu pai era um homem bom para mim, trabalhador e bom pai. Não sei por que você não reconhece isso e não é um filho bom. Ele morreu no hospital, doente, era homem de caráter, honesto e respeitado por todos. Não deu um desgosto no nosso casamento, nos amávamos”. Faz toda essa fala, mas ele fica irredutível.

Recapitula lembranças, mas parece que o filho não ouve e permanece noutro mundo, absorto. “Não sei o que passa na tua cabeça agora. Não me fala nada, não sei se está me ouvindo.” Essa frase foi dita no dia anterior, várias vezes, e não entende aquela alma em mutismo profundo. Revive o passado da pequena família, inclusive da infância e adolescência do filho. Isso na tentativa de fazê-lo consciente em tomar outro rumo na vida.

Os dois andam pelas ruas da cidade com os pensamentos a gotejar recordações. Mãe e filho, ela bate o martelo, ele cala.

III

A história de Antônia não foi tranquila. Filha de costureira e de caminhoneiro, não teve facilidades na infância. Era a única mulher entre os irmãos, trabalhando de empregada doméstica muito cedo, na casa dos próprios pais. Um revés marcava o seu passado, quando seus pais a colocaram como empregada na residência de amigos da família – e o pai não avisou que era sem salário. Tinha onze anos naquela época. Tudo ficou difícil a partir de então, os afazeres eram pesados e atrapalharam nos estudos e no curso natural de sua vida. Além de não ser a sua família, tratavam-na como uma intrusa.

A existência feliz fora somente com dona Francisca. A mãe era respeitosa e preocupada com sua educação, e dos outros dois filhos: Antônio Filho e Alberto. Antônia era a mais nova e Alberto, o primogênito. Mas a educação diversa quem sofreu foi Antônia. O pai vivia à moda antiga, para ele, a filha tinha que cuidar da casa, ao contrário dos meninos. Sendo assim, a menina aguentou todo o seu descaso e brutalidade, buscando refúgio na mãe, que era mais cuidadosa. E a família era a vida de dona Francisca.

A fase mais dolorosa, então, da sua história, iniciou quando, certo dia, seu Antônio retirou da sala os meninos e a mandou esperar.

– Quero falar uma coisa muito séria pra você, minha filha. – Era um homem alto e negro, com bigode fino na cara e, quando falava, a voz assumia um tom de trovão e rudeza.

– Mas eu quero brincar, pai, já fiz o serviço todo, ajudando a mãe. Minhas amigas estão esperando, – Antônia falava nervosa e com o coração agitado.

– Agora não dá, filha, não tenho outra hora pra te falar.

– O que é, então?

– É assim. A tua mãe já está arrumando tuas roupas no quarto. – Enquanto falava, puxava a menina pelos braços, aproximando-a de si. Sentava num sofá estofado na sala.

– Pra que, pai?

– Você vai trabalhar na casa daquele amigo do pai, o Antenor. Eles precisam de uma menina como você pra fazer o serviço. Você vai limpar o chão, arrumar as camas, limpar o banheiro, lavar a louça, cuidar da roupa.

– Mas, pai, é muita coisa pra mim. – Antônia ansiava.

– Você vai conseguir, vai morar lá.

– Não pode ser os manos, eles têm mais força pra todo o serviço. – Começou a choramingar, enquanto observou que Antônio Filho e Alberto espreitavam a conversa na porta do quarto. – Também não quero ficar longe de todos daqui de casa, vou ter medo de noite, não vou mais brincar, não pai, não pai!

Antônia tentava desvencilhar-se dos seus braços fortes, começando a se debater enquanto chorava; os irmãos, escandalizados, espiavam a cena insólita com os olhos arregalados. Ao mesmo tempo, ela sabia que todo o choro não adiantaria, tinha um pai turrão. Era consciente do risco de levar umas chineladas. Seu Antônio, sumariamente, falou:

– Você vai e pronto.

Uma desolação abateu o coração da menina. Sua vida, apesar de curta ainda, iniciava um caminho danoso. Estava jogada para fora de casa, desconfiada de que o pai não a amava e a mãe não teria forças para protegê-la.

Não seria nada fácil para dona Francisca ter a filha na casa de seu Antenor. Era certo que sofreria, longe de seus cuidados e do seu amor. O marido impusera a decisão e sabia que estava vendendo a caçula para seus amigos. Pensava, enquanto preparava o chimarrão no dia frio e sombrio, sentada em frente ao fogão à lenha.

– Você tem certeza do que tá fazendo, meu marido?

– Tinha de fazer, não tenho carga pra carregar como antes, nossas reservas estão diminuindo...

– Não tem pena da nossa menina? Homem, a pobrezinha naquela casa... – disse ela.

– O que a gente pode fazer?

– Posso fazer unha no salão aqui da rua, os meninos também podem ajudar em alguma coisa, trabalhar em construção ou num supermercado.

Seu Antônio não concordava com a mulher:

- Ora, eles não sabem fazer nada, ainda. O que sabem é lavar o caminhão pra mim, de vez em quando. O que podem é ir pra escola e pronto.

Dona Francisca aprovou com a cabeça, desconsolada, ao mesmo tempo em que passava a cuia para o marido. Devia haver algo por fazer, não podia aceitar a desumanidade. Mas o quê? Antônio ficaria doente, ninguém cuidaria dela nem lhe dariam remédio. A mulher imprestável de Antenor não o faria, seus filhos grandes muito menos, eram dois inúteis. A coitadinha vai adoecer, pensou. Caiu em si e uma angústia se aninhou no seu peito.

Silêncio. Dúvidas. O que fazer?

Certo dia, quando o marido viajou para realizar uma entrega em São Paulo, dona Francisca sentiu ansiedade por saber notícias da filha. Chegando à casa de Antenor, num bairro do outro lado da cidade, foi recebida por Júlia, a imprestável esposa.

– Que bom que a senhora está aqui. Entra, – falou a mulher, vestida num chambre e segurando um cigarro entre os dedos. – A Antônio tá lá no quarto do fundo, parece que tá com febre.

Dona Francisca apressou-se em direção ao lugar. Chegando, viu a filha coberta por um lençol velho, tremelicava e choramingava. Quando viu a mãe, esboçou um sorriso, abriu os braços e pediu um afago. A mulher, aproximando-se da cama, viu a situação em que filha vivia. Quem chegasse naquele quarto sentiria o mofo do ambiente. Não podia deixar sua menina naquele lugar, pensou dona Francisca, tomando-a nos braços. Abriu um armário que servia de roupeiro, puxou uma sacola de couro, pendurada na parede interna, arrumou suas roupas e aconchegou a filha no colo. Saiu da casa apressadamente. Aqui não voltamos mais, não tem como, eram palavras que latejavam.

Antônia, na casa da mãe, recuperava-se, aconchegada no quarto que era também dos irmãos. No outro dia, dona Francisca apareceu na porta com uma xícara de chá de camomila numa mão e, na outra, um termômetro.

– Agora estou melhor, mãe. – Tinha o rosto feliz por estar de volta ao seu lugar.

– Filhinha, tem um chá de camomila pra você, mas precisamos medir a tua febre antes.

– Já estou melhor, mãe.

– Então, toma o chazinho e depois me conta o que te aconteceu lá na casa.

Antônia, agitada, antecipou:

– Fiquei com medo, mãe, muito medo, ontem.

– Medo de que, minha filha? O que foi que houve? – Dona Francisca franziu a testa aturdida. Sabia que acontecera alguma coisa, então desconfiava.

Sempre suspeitara do casal de amigos, eram anos de convivência e suas atitudes, pareciam estranhas. Imaginou a aflição da filha, trabalhando e morando na casa longe, do outro lado da cidade. Não gostava daquela gente.

Resolveu prosseguir a interrogação:

– Te fizeram mal lá, meu anjo? O que te aconteceu?

– Tive medo, mãe. – Embaçou a voz e começou a soluçar.

– Medo de quem, filha? Desembucha, pelo amor de Deus! – Do seu Antenor, mamãe!

– O que houve? O que ele te fez? – A mulher soltou a voz gutural.

– Quando eu, ontem, arrumando a cama deles... ele... ele... entrou no quarto.... Fechou a porta, mãezinha...

– E? – Gritou a mãe, não suportando mais.

– Ele... começou a tirar a roupa toda e veio... – Antônia falou sussurrando e iniciou um choro alongado.

A mãe abraçou a filha, apertando-a no colo. Seu coração endureceu rapidamente com as cenas que passaram na sua mente; uma agonia invadiu seu peito. Como um homem poderia ser um monstro? Foi o seu pensamento. E agora? O que fazer? Contar para o marido? Seria uma tragédia o que aconteceria, o seu melhor amigo. Nem pensar, meu Deus! O que tinha a fazer era consolar aquela pequena em desespero, naquele momento. Depois resolver o restante. Apertou a filha em seu peito.

Antônia adormeceu após alguns minutos. Dona Francisca lembrou de conferir algum sinal no seu corpo. Ergueu a roupa da menina, puxou a calcinha, investigando e concluiu que nada havia a concluir. Foi um susto para nunca esquecer. A pobrezinha deve ter fugido, ou alguém surpreendera o homem no momento. Depois poderia tirar todas as dúvidas.

Dona Francisca pegou a xícara, restava um pouco de chá, sorveu num impulso. Voltou para a cama e abraçou a filha novamente.

A mulher, com a filha desconsolada no colo, olha pela janela; um trovão a assusta, parecendo vir em sua direção. Gotas de chuva escorrem pela janela. Fecha os olhos e chora, embalando a caçula.

Dias depois, seu Antônio retornou da viagem. Chegou, como sempre, muito cansado e fazendo exigências à mulher: chinelo nos pés, preparo do banho, o mate quente, um afago, comida na mesa com muita carne. Dessa vez, dona Francisca tinha uma raiva entalada na garganta, o ocorrido com a filha não saía da mente. Muitos dias pensando em como proteger a filha e também se contaria tudo ao marido. Sabia que ele a responsabilizaria por tudo e pouco adiantaria saber. Ele não olhava a filha, só se preocupava com seus “machinhos”. Para o resto da vida, escondeu dele o assédio que Antônia sofrera na casa do amigo. Tinha receio nas conversas em casa, por um descuido entregaria o fato inconscientemente. E daí, que consequências teriam? A solução era silenciar. No fim das contas, uma mãe é sábia até quando cala e a voz presa é uma tática.



SEGUNDA PARTE

**DOR
E PRAZER**

IV

Antônia cresceu com muitos sofrimentos. Resistente, venceu as situações mais difíceis. Desenvolveu uma esperteza como se tivesse vivido quase tudo que uma adolescente vive em qualquer lugar. Meiga, bonita, olhos vivos, cabelos longos, corpo bem desenvolvido, estudiosa, carinhosa, romântica e cuidadosa com a casa. O que mais importou foi o carinho da mãe, que a protegia das grosserias do pai. Mas, ao mesmo tempo, nem sempre recebia pacientemente os ataques de seu Antônio. Era dona de uma personalidade sólida e ativa. Às vezes, respondia-lhe como um soldado em batalha.

Acordou com o corpo pesado, mas não podia faltar à escola. Tinha prova de Matemática, e a professora carrancuda não perdoaria sua ausência. É uma víbora, pensava. Levantou silente para não acordar os irmãos que dividiam um beliche no quarto. Vestiu-se, olhou-se no espelho e gostou da sua imagem. Chegou mais próxima, uma espinha ameaçava crescer, resolveu enfrentá-la com o indicador da mão direita. Foi até à cozinha, viu a mãe com o chimarrão, sentada em frente ao fogão a lenha. Deu um beijo e perguntou:

– E o pai, mãe?

– Viajou. Tinha uma carga até Curitiba, saiu de madrugada. Volta no final da semana. O Alberto, era pra ir junto com ele, mas não quis, não houve jeito.

–

Mas o pai nunca me levou de caminhão. – Disse Antônia, aproximando-se da mesa posta para o café.

– Mas você é menina, como iria pra estrada, Tonha?

– Ele nunca fez nada por mim mesmo, – reclamou, com um pedaço de pão na boca.

– Como você fala uma coisa dessas, minha filha?

– Mãe, o que ele fez aquela vez que a senhora me tirou da casa daquele homem? O que fez? Nem deu bola. Nunca falou disso, nem parecia meu pai!

– Jesus! O que tá falando? Que amargura no teu coração, tu dizendo essas coisas!

Dona Francisca lembrou que escondera o fato do marido. E que também silenciava quando Antônia tocava no assunto.

– Se não fosse a senhora me tirar de lá... Além disso, ele confiou demais naquele nojento. Antes, me mandou pra aquela casa como escrava deles, não confiou em mim.

– Você não pode falar assim do teu pai, tá muito revoltada, – disse dona Francisca, enquanto sorvia o chimarrão.

– Além disso, fica bom tempo viajando, ainda não dá bola pra mim. Naquela época, além de não me dá apoio, continuou amigo daquele homem. Ele não imagina como me senti, mãe. – Ofegava enquanto falava.

– Você era ainda uma menina, minha filha. Agora tá moça. Tem de esquecer daquilo. Eu fiz o que pude.

Dona Francisca falava com serenidade, acalmava a filha e lhe dava confiança. Vivia para os três filhos, era dona-de-casa, o marido não a deixara procurar emprego. A vida lhe reservara uma existência caseira. Seu Antônio, por sua vez, sempre viajando, era distante da vida doméstica; sustentava a casa e completava a educação dos filhos. Enfim, era uma família normal, padrão, ela refletia.

Antônia encerrou a conversa com a mãe, saiu para a escola com passos apurados, não podia se atrasar. Respondeu à prova de Matemática nos primeiros períodos e assistiu normalmente às outras três aulas.

Na saída, o sol era mais quente, o calor mais intenso. A caminhada de volta, portanto, deveria ser em tempo menor; a solução era estender o passo. No trajeto, um menino numa esquina esperava por alguém. Suas passadas foram mais cuidadosas e ao se aproximar, foi abordada:

– Você é a irmã do Beto e do Tonho, não é mesmo?

– Sim, são meus manos. – Antônia balbuciou, sem jeito.

O menino altivo tinha os cabelos claros e parecia ter a mesma idade dela. Sua postura era corajosa. Ela continuou andando e ele seguiu ao lado. Quando apressou novamente, ele fez o mesmo. Por alguns minutos se mantiveram mudos. Cinquenta metros à frente, a situação foi interrompida por ele, que se mostrava inquieto:

– De qual série você é? É Antônia o teu nome, né?

– Como sabe meu nome? Eu sou da oitava. Como você se chama? – Ela ameaçou uma estranheza na curiosidade dele, mas logo se desarmou. Ao mesmo tempo, achou interessante o momento.

– É que sou colega de aula do Tonho. Meu nome é João, João Pedro. Eu estou no segundo ano do segundo grau.

Antônia aliviou-se com a resposta, nunca conversara com um menino na rua. Entrementes, gostou da companhia de João Pedro, porque tornou mais agradável a volta da escola.

Já na metade do caminho:

– Quantos anos você tem, João? – Ela disse, esboçando um breve sorriso e viu que ele fez o mesmo.

– Tenho dezessete, e tu?

– Quatorze.

A partir desse encontro, iniciaram um namoro que foi de dois anos. Namoro que oscilou entre o profundo e o perverso. O profundo foi de evolução para o casamento, e o perverso, as desaprovações do pai e uma gravidez precoce. Seu Antônio, além de pai seco e ausente, nunca aceitou o casamento da filha. Além disso, em casa, não aceitava a presença do rapaz. Esta menina tem de estudar e não se enrabichar, dizia. E continuava: namoro é para mulher velha. Consoantes, seus olhos eram cegos para o seu próprio casamento, uniu-se cedo com dona Francisca e geraram três filhos. O que Antônia pensava, era a história não se repetir com os filhos, o ciclo podia ser rompido. Os filhos procriariam. Mas, uma menina grávida seria a vergonha da família.

Esses julgamentos passavam na mente de seu Antônio naquela época. Antes de viajar, recomendava à mulher todas as decisões da casa

e da educação dos filhos. O homem que sustentava e mantinha a família teria todo o comando. O homem era a base de tudo, e restaria para a mulher, somente a labuta doméstica.

...

Dessa forma, Antônia enfrentou a fúria do pai. Por um tempo, namorou escondida, perto da escola ou próximo à família de João Pedro. Mesmo resignada, não renunciou a sua liberdade, buscou não se conflitar com seu Antônio. E quando era propício, o ajudava. Contudo, os irmãos eram solidários com o pai. Isso era desconfortante, ficava sem apoio.

Concebeu Dênis no segundo ano de namoro com João Pedro, e com isso, resolveu que o futuro marido seria o único homem de sua vida. Durante a gravidez, aguentou firme a rabugice do pai, desejava muito ser mãe. Fez um esforço para esquecer o fato sinistro na casa de seu Antenor. Segredou a João Pedro, que compreendeu logo a situação. Os dois, em pouco tempo, construíram suas vidas. No início, se preocupava com o futuro do relacionamento, mas João Pedro, com o tempo, revelou-se um marido carinhoso.

Na sua vida de casada, Antônia continuava sem sossego, a ausência do amor de pai persistia. Ele não colaborava para a felicidade da filha. Uma semana após o nascimento do neto, num dia de frio penetrante, o mundo de Antônia desabou:

– Não, pai, não faz isso comigo!

– Não quero sustentar filho de ninguém dentro de minha casa. E, além disso, a Chica acaba criando este neto.

– É teu neto também, paizinho. Dá um tempo de eu e o João arrumar uma casa.

– Não quero saber daquele traste.

Pasmada ficou Antônia com o que se passava naquele dia de friagem. O calor que chegava do fogão não adiantava nada. Muito menos aquecia o coração de seu Antônio. Não acreditava no que acontecia, não bastasse o fato antigo, violento, nojento, quando vivia seus

onze anos. Com o filhinho no colo, foi até o quarto arrumar as roupas, fraldas, mamadeira e outros apetrechos na sacola. Voltou à cozinha, e chorosa disse:

– Pelo menos posso telefonar? Preciso avisar o João.

Nessa hora, dona Francisca levantou-se da cadeira e foi para a sala, até aquele momento tinha ficado silenciosa no seu canto.

– Tudo vai dar certo, Tonha, - balbuciou.

– Como, mãe, onde vamos morar? E o nosso filho de colo? Eu não queria ficar aqui o resto da vida, era só por um tempo. Mas o pior é ser tratada assim pelo pai, como uma qualquer, sendo expulsa de casa.

– Ele não está te expulsando, minha filha.

– Está sim, mãe. Ele nunca gostou de mim, sou uma grande vergonha pra ele.

Saiu da casa dos pais com o filho no colo e duas sacolas com roupas. Desolada, não sabia qual rumo seguir. Tomou a direção da rua Teixeira Soares. Pela calçada, não aparecia um rosto amigo. Ainda bem que Dênis dormiu, pensou. O frio batia de frente com o sol escondido, o dia pesava. Na Praça Tamandaré, buscou um banco para descansar. Olhou o filho em total silêncio, ausente. Arrumou a coberta que o agasalhava; lágrimas jorraram pelo rosto. Sentiu a temperatura baixar mais, levantou a gola do casaco do menino, as mãos ficaram expostas.

E os pedestres?

Nenhum rosto conhecido.

Sentiu-se distante de todos, solidão profunda naquele banco de praça. As pessoas caminhavam tesas, eram robôs, pensou. A vida pregava-lhe uma peça, por um lado, tinha um filho, um bom marido, e o afago da mãe e dos irmãos; por outro lado, a responsabilidade pela nova família. E a condição de sem-teto. Sobrou-lhe somente a praça, a rua e a multidão.

E as pessoas?

Nenhum rosto companheiro.

E João Pedro? Não podia largar o serviço naquele momento, não podia perder o emprego. E se perdesse, o que seria deles, então? Ele

trabalhava muito no supermercado. O patrão era muito rude, não dava descanso. E ainda, naquele dia, ia sair mais tarde. O problema era onde iriam se arranjar. Os pais dele também não dariam abrigo, nem teriam espaço.

Lembrou a mãe, coitada, dominada pelo marido. Obrigada a respeitar suas ordens, não esboçava reação alguma. Sempre foi assim, uma típica dona-de-casa, esperando o marido voltar da estrada. Contudo, era uma mãe boa e carinhosa. Era-lhe grata por salvá-la das mãos do velho Antenor.

E naquela praça vazia?

Nenhum rosto afetuoso.

De repente, para afastar os pensamentos, levantou-se. Precisava caminhar, fazer alguma coisa, continuar no marasmo é que não adiantaria. Chegando na avenida Brasil, notou um movimento de pessoas com bandeiras, protestando. Parou e observou. Dênis acordou e choramingou; Antônia lhe deu o peito. Sentou num banco de frente para a passeata. Eram professores que gritavam contra o governo do estado. Palavras duras ecoavam, as bandeiras tremulavam e algumas sinetas soavam alto. Pensou: eram seres abandonados. E, ali, uma mulher com seu filho, também desamparada. Iniciou um pranto que não conseguiu conter. Cenas de um filme iniciaram um percurso na sua memória: duplo abandono, ela e professores (a maioria mulheres). Ela, preterida pelo pai; eles, pelo governo. O pai lhe apareceu abanando; e o governador, de braços cruzados. O corpo começou a tremer, um suor nervoso tomou-lhe conta e veio uma tontura. O mundo girava veloz.

– Olha, uma senhora caiu, e o bebê? Meu Deus! – Uma professora correu em sua direção, outras também se aproximaram e uma tomou Dênis no colo.

– Ainda bem que ele não caiu, – murmurou uma professora, agachada.

Tentaram reanimá-la, levou tempo para isso. Alguns pensaram em chamar uma ambulância e houve um princípio de tumulto, outras pessoas vieram observar.

O protesto corria solto.

Enfim, a levaram para o sindicato dos professores. Num sofá, a

aconchegaram, enquanto uma professora atendia a criança. Após alguns minutos, ainda tonta, Antônia despertou e perguntou pelo filho. Viu uma professora afagando-o e acalmou-se. Logo solicitou para avisarem o marido. Esqueceu que tinha um celular emprestado. Todas recomendavam que ela descansasse.

João Pedro chegou após duas horas e tomou conhecimento dos fatos. Tranquilizou a esposa, pegou o filho e sentou ao seu lado. Ficou comovido, beijou a mulher e o filho. Pediu mais detalhes do que houve. Antônia, mais lúcida agora, relatou todas as desavenças com o pai.

– Para onde vamos, João?

– Meu patrão tem casa de aluguel, deve ter uma para nós.

Agradecidos às professoras, saíram do sindicato. Dênis, no colo do pai, estalava a boca, parecendo contente por estar naquela condição, agora.

V

Dênis cresceu na casa locada, cujo proprietário era dono do supermercado que João Pedro trabalhava. Foi mimado por todos da família, era uma criança clara, de cabelos lisos e o corpo bem desenvolvido. O tipo físico foi herança do pai, que era de origem europeia. Deu muitas alegrias a todos, era saudável e vigoroso.

Nesse período da vida, Antônia foi feliz. Além de ser mãe, tinha um marido atencioso e sempre empregado; ela estudava num turno e trabalhava no outro. Ainda contou com a ajuda de dona Francisca, sempre solícita e apoiadora.

Um dia, ocorreu um fato inédito, mas que os familiares conseguiram contornar. Num domingo em que se juntavam os parentes para um almoço especial, quando Dênis ainda aprendia a caminhar, ele causou uma grande estranheza... Foi assim que Antônia teve, mais uma vez, o sabor da rejeição paterna.

Chegou com o marido, pela manhã, à casa dos pais:

– Deninho, olha os vovôs! – João Pedro, alegremente, colocou o filho nas mãos de dona Francisca.

O neto, sorridente, aceitou o aconchego e recebeu muitos beijos. Mas quando chegou a vez de seu Antônio:

– Ó o vovô, ali.

Iniciou um choro estridente, como se tivessem tirado um doce de sua boca. Estranhou o rosto do homem: para ele era alguém que não conhecia, motivo de pesadelo.

– O que foi, meu guri? – Disse o pai com certa aspereza, apesar das palavras delicadas.

– Não se irrite, João. Depois ele se acostuma com o vô, – interveio Antônia.

Seu Antônio resignou-se:

– Mas como? Parece que sou um monstro pra ele! – Reclamou, alertando de como estava se sentindo.

Antônia, com o filho no colo, puxou João Pedro para a cozinha, tentando evitar um acirramento dos ânimos. Ajeitaram-se nas cadeiras, enquanto dona Chica apressava o passo perguntando:

– Como vão as coisas, filha? – Sentando ao seu lado.

– Vão bem, mãe. Pena que o salário não aumenta na loja, tem o aluguel da casa, temos de comprar as coisas pro Dênis, e também o João não ganha muito.

Enquanto isso, pai e filho distraíam-se com brinquedos de plástico. Dênis brincava no chão, mas quando seu Antônio chegou perto, correu para as pernas do pai. O homem, amuado, acomodou-se numa cadeira.

Entretanto, mãe e filha deram prosseguimento à conversa:

– E a loja, Tonha? – Dona Chica insistia, segurava a chaleira para esquentar água para o mate. Olhando para o lado, notou que o marido embraveceu.

– Está boa, mãe. As vendas desse mês é que diminuíram. Parece que as pessoas não precisam mais de calçado, não sei o que minha chefe vai fazer sobre isso. Vou fechar essa janela, está ficando frio. – Enquanto se levantava, viu o pai recolhido no seu canto. Parecia muito longe, em outro mundo. Foi até ele e resolveu quebrar a mudez:

– Que foi, pai, em que está pensando?

O homem, assustado, voltou a si como uma aeronave aterrissando no aeroporto.

– Nada, nada! – Irritado, coçou a cabeça, levantou-se e saiu.

– Será que foi por causa do Deninho, mãe? – Antônia balbuciou.

– Não se preocupe, filha. Não conhece teu pai?

Dênis cresceu, tornou-se um menino querido e elogiado por todos. Mas não estudava e teve uma vida escolar complicada. Conquistava a simpatia dos professores, por outro lado, não aprendia os conteúdos. Leu e escreveu, foi até a sexta série, e estacionou nesse nível.

Mas o avô nunca o aceitou, não entendia que a criança era seu neto.

VI

A história do Dênis seguiu com peripécias de uma pessoa de personalidade oscilatória. Ora manifestava uma vida regrada e correta, ora uma vida cheia de incidentes. Muito cedo, iniciou com travessuras que Antônia e João Pedro tiveram grandes dificuldades para contornar. Foram muito pacienciosos na sua educação: apenas conversas e combinações, sem castigos.

No primeiro dia na escola não foi diferente. A mãe, o pai ou responsável, deveria ficar até a adaptação da criança. Porém, como um caso não inusitado, Dênis exigiu mais tempo até se habituar ao novo lugar. Antônia teve muitas dificuldades para contornar os problemas surgidos na escola. O filho era hiperativo, dava muito trabalho aos professores e funcionários.

Dênis largou de sua mão para brincar quando avistou um amigo. Enquanto esperava, Antônia sentia-se aflita. Preocupava-se com a acomodação de Dênis na escola, e em como seriam as coisas dali em diante. Talvez ele se sentisse bem lá, era preciso isso, pensava. Olhou ao redor, ninguém das mães a observava. Sentiu-se uma pessoa diferente. Elas deviam estar fazendo os cálculos de suas contas a pagar, como se fossem as únicas devedoras, ironizava mentalmente. Não se conscientizavam de que nesse país, as mulheres têm muitos problemas. Tinham jornada dupla ou tripla. O marido na grande batalha diurna no seu trabalho, quando voltava para casa à noite, de tão cansado, não conseguia ajudar em nada.

Pobres mulheres que carregam o mundo nas costas, Antônia sussurrava interiormente. À espera da escola abrir, deixar seus filhos, voltar à labuta, produzir o sustento das pessoas e construir a vida para todos.

Dênis voltou em disparada e agarrou suas pernas. O portão da escola se abriu e as mães acomodaram as suas crianças num saguão, à espera das professoras. Subitamente, recordou do abrigo dado no sindicato dos professores, se não fossem elas, onde estaria agora? Valorizava muito os educadores.

Uma professora se aproximou:

– Sou a professora Vânia, da primeira turma. As crianças entrarão agora e sairão no meio da tarde, às quinze e trinta. As senhoras poderão esperar um pouco para ver se seus filhos se adaptarão na entrada.

Antônia resolveu, então, sentar um pouco no banco mais próximo. Preocupava-se: será que Deninho vai gostar das aulas? Mas ele precisava gostar, é necessário aprender a ler e escrever. Dessa maneira pensava, se perguntava sobre o futuro do filho e, ao mesmo tempo, respondia para si mesma.

Alguns minutos após, observou o filho disparando em sua direção, como se tivesse visto um fantasma:

– Não quero ficar, mãe! Não quero!

– Você precisa, meu filho. As professoras são boas, vão ensinar a ler e escrever.

– Não quero, não quero!

– É preciso, filho. A mãe vai ficar aqui te esperando, não vai sair daqui. – Ao mesmo tempo, Antônia tentava desprender-se dele, que agarrava suas pernas com força.

Dênis olhava a mãe, solícito e sentimental. Antônia o observava, afagava seu rosto, enquanto pensava numa solução. Esse menino não vai se adaptar, pelo jeito. Além disso, precisava voltar para a loja. Seria uma tarde repleta de movimento, ainda era verão, as vendas aumentavam com o público feminino. Essas coisas a atormentavam, e o filho exigia a sua presença naquela hora.

Nisso, a professora se aproximou:

– O menino precisa voltar para a aula, mãe.

– Mãe, não quero, não quero. – Dênis gritava, preso às pernas de Antônia, igual a um bicho agarrado ao tronco de uma árvore. Gritava com voz empastada.

– Filhinho, eu te levo até à sala e depois vou pro serviço.

Ao ouvir isso, o menino iniciou um pranto estrondoso e se jogou no chão, rolando como um tronco de madeira na floresta. Estranhando o fenômeno, Antônia tentou controlar a situação, segurando-o e olhando nos seus olhos. Além do mais, constatou que era o centro das atenções.

– Preciso levar o menino, – persistia a professora, observando o conflito.

– Vamos, filho! – Antônia insistia, enquanto dirigia-se ao corredor diante das salas de aula.

Paciente, respirou fundo, pensando que não merecia passar pelo vexame; com esforço, tomou o filho nos seus braços:

– Por favor, Dênis, colabora!

Aconteceu que, após algum tempo, voltou para casa. Era uma mãe inconsolável por não conseguir controlar o filho. Perdeu o dia de trabalho.

VII

A casa que João Pedro alugava do proprietário do supermercado era de madeira, antiga, um cercado a rodeava e, também, um pátio com grama, que deveria ser aparada pelo morador. No contrato de locação, havia uma cláusula que o inquilino deveria providenciar a manutenção do imóvel. Na hora de entregá-lo, a pintura deveria estar conservada.

Num dia chuvoso, em que as águas se acumulavam nos terrenos periféricos, Dênis chegou da escola. Era tardinha e estava sem guarda-chuva. Isto seria dor de cabeça para a mãe; Antônia e João Pedro ainda não tinham chegado.

Entrou com a roupa molhada, foi até o banheiro em busca de uma toalha. Na volta, quando fechava a porta da frente, viu um cachorro na sala. Além disso, os rastros deixados pelos seus sapatos. A mãe e o pai não vão gostar disso, pensou.

– Vai pra casa, seu feio, – disse Dênis, mas o intruso não obedecia.

O que faria, agora? Ele não podia ficar ali, não permitiriam, e ainda o animal tinha borrado o chão com um montinho de fezes. A chuva continuava e seria intensa até à noite, e o cachorro não se jogaria na enxurrada. Tempo depois, gostando do bicho, teve uma ideia: usaria esse fato como desculpa para ficar com o cão. Seria um pretexto, e ainda, todos os meninos da rua tinham um bicho. Já tinha dez anos de idade, podia ter essa concessão.

Então, aprumou-se ao plano. Tirou a roupa molhada, foi para o chuveiro quente e se banhou. Aliás, banhou também o cachorro, aproveitando a oportunidade. Depois, enquanto limpava a casa, pensou num nome para o seu bicho de estimação. Escolheu Amarelo pela cor do pelo.

A chuva amainava, e no horizonte, o pôr do sol ganhava um tom dourado. Era o horário de saída dos trabalhadores das firmas. Antônia e João Pedro chegaram com sacolas de compras, era dia de vale no supermercado. João Pedro sempre aproveitava o meio do mês para suprir a casa. O vale seria descontado de seu salário no final do mês.

– Que cheiro estranho, – disse Antônia, quando entrava na cozinha. Olhou para o chão e viu fezes de cachorro.

– O que é isso? – Espantada, foi até o quarto do filho e o encontrou com o animal na cama. Os dois estavam em brincadeiras.

João Pedro chegou atrás:

– Que cachorro é esse, filho?

– É meu. Entrou aqui em casa quando cheguei. Eu quis, vocês não vão me proibi, né? – Dênis, disse envergonhado.

Antônia cheirava ao redor com nariz empinado: tem cheiro de coisa molhada e suja, pensou.

– Filhinho, esse bicho não estava sujo? Não veio da rua? – Gostava da casa sempre limpa. Ao mesmo tempo, pensou: tá na hora desse menino ajudar em casa.

– Você fica mesmo com esse cachorro, Deninho? – João Pedro resolveu intervir.

– Quero pai, quero muito. Vou dar o nome de Amarelo pra ele.

– Mas, você vai limpar as sujeiras dele, vai ajudar na casa e na comida dele.

Aceitaram, enfim, que Amarelo vivesse com Dênis. Um cão era muito bom para uma criança, concordaram. O menino tratou muito bem do seu animal, a partir daquele dia. Vez ou outra surgia um conflito devido às travessuras caninas.

VIII

O sol da manhã fez que Maiquel levantasse mais cedo. Era domingo, pensou em voltar para a cama, mas desistiu. Vendo o rosto no espelho, notou o crescimento de um ralo bigode claro. Adolescente ficando homem, pensou. Imaginou raspar com uma gilete, mas reconsiderou. Resolveu ir até a casa de Deninho, vestiu-se e saiu.

Dênis acordou com as batidas na janela. Era Maiquinho, olhou no relógio: oito horas ainda, o que queria? Atendeu sussurrando para não ser percebido. Olhou a cama ao lado, Denise dormia um sono tranquilo. Arrumou-se recolhidamente, tinha certeza de que o amigo gostaria de voltar longe. Espiou pela porta antes de sair, o calor abafava, o sol já ia alto. Tinha a convicção de que se vestira apropriadamente.

Felizes por estarem juntos, caminhavam para um supermercado e ficavam na escada da frente. Lugar útil, era um dos poucos que não abria aos domingos. Sempre saíam cedo, enquanto todos dormiam. Assim, ninguém importunaria suas decisões, as suas conversas soltas. Seus segredos não seriam revelados, nem suas empreitadas seriam interrompidas. Consideravam-se amigos unidos, de fé, *brothers*. Se faziam confidências e a fidelidade era grande. Eram vidas de adolescentes, nada estranho a eles.

– O que tem de novo pra me contar? – Perguntou Dênis.

– Nada, – disse Maiquel. E puxou o amigo para o degrau mais alto da escada. Olhou ao redor e interpelou Dênis. – Por que o teu pai não trabalha aqui? É mais perto.

– Não sei. Deve ser porque alugamos a casa do proprietário, mas ele é um escravo lá, nunca vi. O velho só falta trabalhar de madrugada. E, ainda, ganha uma merreca. Tantos anos lá.

– O meu pai é vendedor viajante, nunca tá em casa, só no final de semana. A mãe não trabalha, fica só em casa cuidando de nós.

– Lá em casa, a mãe trabalha. Aí eu tenho de cuidar da mana de tarde. Mas, de vez em quando, dou uma fugida, você sabe, né? Mas a minha vontade é ficar no *game* jogando na *lan house*. Não sei por que os velhos trabalham tanto, e sempre dizem que tão sem dinheiro, então por que tanto basquete?

– E por falar em dinheiro, Deninho, trouxe um pra uma Coca, pelo menos?

– Sim, guardei algum. E como é difícil tirar um dos velhos.

– Quanto tu tem aí, cara? Dá pruma Coca? – Maiquel, com uma dose de esperteza, queria guardar o seu dinheiro e usar primeiro o do amigo.

– Dá sim, mas você não trouxe?

– Trouxe, sim. Só que é pra uns bagulhos, mano. Vamos lá buscar uma Coca.

Dênis não gostou da conversa do amigo. Sabia que não era coisa honesta, mas sim algo envolvendo drogas. A partir dali ficou pensativo, procurando uma maneira de não aceitar a diversão proposta. Saíram para buscar, então, a Coca-Cola.

Dali a poucos minutos, ouviram uns latidos. Era Amarelo, disparado, chegando assanhado, querendo colo.

– É o Amarelo, Deninho. Como ele tá grande, – disse Maiquel.

Agora, os três vagavam, procurando um bar ou uma lanchonete. Preocupações habitavam Dênis, os objetivos obscuros de seu amigo. Quando voltaram com a Coca, veio uma esperança de esquecimento do tal de bagulho.

Retornaram à escadaria, beberam o refrigerante, observaram o cachorro, que balançava o rabo e lambia a boca.

– O que vamos fazer agora, cara? – Perguntou Maiquel, sabendo a resposta.

– Hum... Não sei, cara. Deve ser já perto de meio-dia, é tarde. – Na dúvida, Dênis olhou para o alto, procurou uma indicação das horas

(não tinha celular). Mas era uma escapatória da diligência planejada pelo amigo.

Silêncio. Os jovens, de repente, ficam distantes. Apesar de juntos, estavam sem as palavras que poderiam aproximá-los.

Dênis levantou-se preocupado. Tinha certeza que Maiquinho desejava fumar maconha na praça. Imagens de lá, com as árvores e bancos, em relance, passaram pela sua cabeça como algo bom. Mas...

Amarelo aproximou-se, roçou suas pernas, seguiu a passos curtos. Chamou para voltar para casa. Seguiu a indicação do bicho. Maiquel exasperou-se:

– Oh, cara! Oh, cara!

IX

– Hamilton, o que é isso, homem? De quem é aquilo lá na frente?

Maria chegou ansiosa no quarto onde o marido se arrumava. A manhã de domingo ia pela metade. Ninguém trabalhava nesse dia, feriado de Páscoa. Será que a mulher não viu que é um carro, um automóvel? Pensou ele, brincalhão.

– Não me avisou que tinha comprado um carro, meu bem. – Aproximando-se e abraçando o marido, que, agora, admirava a roupa, vestida em frente ao espelho.

– Não lembra que falei que ia usar nossas reservas da poupança? Não adianta guardar muito dinheiro, as coisas aumentam muito rápido, tem inflação. E o governo não incentiva a poupança, o juro é muito baixo, então resolvi investir num carro.

– Temos de contar pro João e pra Antônia.

– Só de tarde, Maria. Acho que o supermercado vai abrir. – Enquanto falava, sentou na beira da cama para calçar os sapatos.

– O meu cunhado trabalha demais, até na Páscoa. – Maria esforçou-se para continuar a conversa, interrompeu porque o marido se aquietou.

Hamilton era contador e proprietário do escritório onde trabalhava, num edifício central de Passo Fundo. Tinha uma renda razoável, que dava condições de a mulher não ter emprego; podia ficar em casa nos afazeres domésticos. E isto, também era uma preferência do marido. Ela não tinha condições de ajudar no escritório: sem escolaridade para o ofício de escriturária. Porém, ela sempre desejou aprender e poder acompanhá-lo, fazia qualquer serviço, inclusive o de limpeza. Mas

não tinha jeito, o marido não pretendia que a companheira dividisse o espaço no trabalho.

– Que horas vamos no João?

– Pelo meio da tarde. Ele vai pegar uns produtos pro carro, lá no supermercado, pra mim. Só mais tarde podemos ir.

– Ah, bom. Assim eu posso admirar o carro mais um pouco.

Os dois riram, satisfeitos com o momento. Foram à rua, em frente à casa, onde o automóvel de modelo popular estava estacionado; e, com duas cadeiras postas na calçada, permaneceram felizes por um bom tempo, jogando conversas ao vento.

Minutos depois, aquietaram-se em pensamentos sobre a vida difícil de João Pedro e Antônia. Os motivos da situação eram sabidos: doenças rotineiras de Denise, que sofria de asma. Todavia, o principal problema era a remuneração muito baixa, eram comerciários e a carga de trabalho muito rígida. De vez em quando, trabalhavam até no final de semana, principalmente João Pedro, razão de sua saúde estar sempre abalada.

O que faz esse país para os trabalhadores, meditava Hamilton, nesses momentos de preocupação com o irmão. Alguns contraem uma dívida e outros não conseguem adquirir o básico para sobreviver. Todos trabalham, produzem riquezas, mas esse bolo não é distribuído igualmente. Ele e Maria realizaram um investimento, como autônomo (não contratava funcionários), poupou para uma entrada na compra do carro, mas ficou com dívida¹. Antônia e João Pedro, assalariados, não tinham condições de fazer a mesma coisa, concluía. Uma grande diferença, pois ele, contador, podia sentir-se dono do próprio negócio. Mas no fundo era um trabalhador comum. Nesta história, ninguém era rico. Trabalhavam, lutavam muito pela vida.

Quando chegaram à casa de Antônia, João Pedro encontrava-se em frente ao portão, parecendo recém-chegado. Estranhou o automóvel estacionado naquele lugar; depois viu que era do irmão e da cunhada. Largou um sorriso de satisfação:

– Que carro bonito, é uma aquisição de vocês?

Hamilton, desembarcando, balançou a cabeça, e cumprimentou o irmão. Maria veio depois e perguntou por Antônia, que logo apareceu à porta e, sorridente, disse:

– Já vi que temos Páscoa gorda, parabéns!

– Obrigado, cunhada, – agradeceu Hamilton, abrindo a porta do carro para que todos pudessem ver.

– É novo, Hamilton, que lindo que ele é, – disse Antônia, sentada no banco do caroneiro. Passou a mão pelo painel e comentou: – É assim mesmo, um carro pra vocês fazia falta. Que bela compra! Mas vamos entrando, vou fazer um chimarrão pra nós.

Entraram e, como sempre, sentaram-se ao redor da mesa na cozinha, espaço de encontro dos anfitriões com as visitas. Amarelo, balançando o rabo, logo se aconchegou na espera de um osso ou ração.

As conversas se alongaram, com risadas de satisfação até o anoitecer. Dênis e Maiquinho vieram da rua e encontraram o colóquio agitado.

Os dois traziam seus *skates* nas mãos. Dênis foi direto à geladeira procurar algo para comer ou beber. Tomou um copo d'água, ofereceu outro ao amigo que não aceitou. Escutaram por alguns minutos as conversas, mas como o assunto não lhes interessava, dirigiram-se ao portão. Sumiram com seus brinquedos de rodas.

A prosa barulhenta corria com assuntos variados, do trabalho de cada um e dos parentes quando Hamilton resolveu levantar e fazer um sinal de despedida com a mão direita. Rapidamente dirigiu-se ao balcão, onde havia deixado a chave do carro. Não encontrou. De sobressalto, foi até a porta da frente. O espaço onde deveria estar o carro encontrava-se vago. O seu bem e de Maria fora abduzido.

Desespero total entre os de casa e as visitas. Mas quem poderia ser capaz disso?

– Calma, gente! A chave estava dentro de casa. – Antônia se antecipava.

Hamilton sapateava de um lado a outro, mas apoiou a conclusão da cunhada. Só podia ser os meninos, disse para si. Silenciou para não se precipitar na desconfiança. O fato era que somente eles entraram na cozinha.

– Foram os piá, então. – Soltou a voz grave de João Pedro. Não era de segurar os pensamentos, quando se referia aos problemas com o filho.

– Será mesmo, João? – Disse Hamilton, disfarçando a desconfiança com o sobrinho.

Antônia lembrou que estavam com seus *skates*, provavelmente viram o automóvel estacionado na frente da casa e resolveram dar uma volta. Sabia que eram apaixonados por carros. Mas como souberam que era dos tios? – Pensou ela. Afastou as cogitações e encontrou uma maneira de trazê-los de volta. Lembrou que Dênis não andava com o celular. Apesar das dúvidas, foi até o quarto, não encontrou Denise, como esperava. Vasculhou na cama, viu o telefone. No número de Maiquel, perguntou:

– Maiquinho, onde vocês estão?

– Aqui na praça, dona Antônia.

– E o Dênis?

– Tá no volante, demos uma parada agora.

– Passa o telefone pra ele.

– Oi, mãe.

– Como vocês fizeram isso, guri?

– Foi ideia do Maiquinho...

– E você faz tudo o que ele manda?

– Não, mãe... Mas esse carro é bala...

– Volte pra casa já! Conversamos aqui!

Antônia falava firme. Que vergonha, pensava. E repetia para si mesma: filho criado, trabalho dobrado.

Quando voltou à cozinha, viu Maria trazendo Denise pela mão.

– Onde estava, filha? – Com os transtornos envolvendo o filho, esquecera dela.

Ficaram todos no portão à espera dos meninos com o carro. A noite era clara e fresca, e a lua, uma bola turva. Mas eles não observavam a beleza acima, aguardavam algo que viria pelo chão e era muito valioso.

Em poucos minutos, os faróis surgiam ao fundo da rua, a luz pulava, pois o asfalto era irregular. O carro andava vagorosamente.

Chegando, Antônia e João Pedro lançaram-se nas portas, abrindo e ordenando Dênis a entrar e Maiquel a ir para sua casa. Aliviados, agora, desculpavam-se com os parentes e parabenizavam-nos, mais uma vez, pelo investimento.

Após o automóvel partir, ficaram mais um momento conversando, olhando o céu (agora, sim) com sua beleza. A rua silenciava, ao léu, esperando as horas passarem.

Já eram dez horas da noite quando entraram em casa, no intento de conversar com Dênis. Antônia foi em direção do quarto. O peito do filho arfava, mergulhado num sono profundo. Sentou-se na beira da cama como quem não sabe o que fazer. Será que é uma fase difícil, pela qual toda mãe tem de passar? Indagou-se. João Pedro, agitado, apareceu na porta, querendo acordá-lo. Ela afastou-o, levando-o pela mão até o outro quarto:

– Vamos dormir, resolvemos isso amanhã. Trabalhamos cedo, será segunda-feira.



TERCEIRA PARTE

**ALMA
DECADENTE**

X

Era inverno, estação lúgubre em que as pessoas se recolhiam cedo. O vento gélido amainou e logo anoiteceu.

João Pedro esquentou a água para o chimarrão, procurando vencer o frio. Pensativo, arrumou a erva na cuia. Esperaria Dênis para depois ir para a cama, – tinha de levantar cedo para o trabalho. Antônia havia colocado Denise para dormir. Com a cuia e a garrafa térmica nas mãos, foi até à sala, ligou a televisão e recostou-se no sofá. O tempo passava e o menino não aparecia. Recordou que as saídas do filho nas altas horas eram frequentes. Muitas vezes não dizia o destino dos passeios, mas sabia que era sempre com Maiquel, o amigo fiel. Sua cabeça girou com essas lembranças e deu uma vontade de sair pelas ruas em seu encalço.

Abriu a porta e sentiu o gelo envolvente, resolveu aguardar mais um pouco. Sua preocupação, sobretudo, era com a saúde do garoto. Pegar toda essa aragem nos pulmões. Já tinha dezesseis anos, mas não criava juízo. Os estudos iam mal e não arranjava serviço para criar responsabilidade. Era uma dor de cabeça para ele e Antônia, uma dor torrencial, incansável, imaginava que se envolvia em complicações. E esta noite? Queria descansar após um dia de trabalho, mas o filho recusava-se a voltar para casa. Enfim, resolveu seguir suas pegadas.

Andou pelas ruas do bairro e não encontrou uma viva alma, até os cachorros andavam recolhidos. O frio aumentava, a lua, que iluminava a noite parcialmente, era minguante.

João Pedro andou bastante até se aproximar da praça dos plátanos.

A Praça Tamandaré estava silenciosa e serena, com a noite gelada. Não era bem iluminada, mas se conservava como lugar predileto para al-

gumas pessoas. João Pedro acomodou-se num banco. Remexeu o corpo, o cansaço do dia não o abatia, e a moleza do sono não tomou conta dele.

Após alguns minutos, murmúrios do outro lado da praça lhe chamaram a atenção novamente. Eram meninos na grama, formando um círculo, com posições desencontradas: uns deitados, outros recostados em algum objeto e outros sentados. Uns fumavam e outros não; alguns bem agasalhados e outros de manga curta, uns bebiam e outros não. Eram oito meninos e todos aparentavam a mesma idade.

João Pedro, por alguns minutos, observou o grupo. Aproximou-se reticente e procurou Dênis. As lâmpadas dos postes não ajudavam, eram amarelas e opacas. Chegaria mais perto, tomara que o filho estivesse ali. Não via a hora de voltar para casa e dormir, estava exausto.

Avançou o passo, mas pisava em falso.

Avançou mais. A fumaça vinha e o atingia.

Cheiro forte. Náusea. .

Uma surpresa o atingiu: Dênis tragava um cigarro. Era maconha, pensou. Os olhos fundos do filho, repentinamente, foram ao encontro dos seus e, num súbito momento, largou tudo, tentando disfarçar. João Pedro andava na sua direção e o menino fez o mesmo. Seus olhos eram esbugalhados, porém tristes.

– O que aconteceu, pai?

– Vim te buscar, vamos pra casa, já! – Embravecido, tinha a voz mais grave ainda. – Lá a gente conversa, ande.

– Não fiz nada de errado, por que tá assim?

– Já te disse, em casa, não adianta insistir.

João Pedro ficou possuído de uma indignação sem tamanho. Pulou o filho pelo braço e permaneceu sem conversar até em casa.

A cozinha era o lugar das conversas difíceis para a família. Ao redor da mesa, sentavam-se e revelavam seus fantasmas em grande velocidade. A razão tomava férias e as emoções afloravam. Dênis acomodou-se com medo e João Pedro continuou irado.

– Que vergonha ter um filho viciado e vagabundo, agora! – Ergueu a voz e encarou o menino.

Viu a face do filho sombria, envelhecida. Ficou triste por alguns instantes e foi invadido por uma amargura. Colocou-se no lugar dele. Fiquei longe nesses anos, pensou. Para ele fazer isto deveria ter seus motivos.

Dênis baixou a cabeça. Sua surpresa era enorme, agora, não sabia o que fazer. Ou melhor, não tinha como agir, a não ser escutar. Aquele era o momento de ouvir o pai, e depois a mãe.

Antônia entrou displicente, e com olhos pequenos, de quem recém acordava. Ouviu a voz alta do marido e perguntou:

– O que houve, amor? Por que está gritando com o Deninho? – Estava sonolenta.

– Este inútil estava fumando porcaria na praça, com outros inúteis, Antônia.

– Não é possível, meu filho, que você tá aprontando isso! – Terminou de falar e soltou o corpo numa cadeira. Olhou firme no rosto do menino, procurando uma resposta ou um sinal de que aquilo não havia acontecido.

Tinha esperança de que fosse uma invenção do marido, que a noite não estivesse clara para mostrar realmente o que aconteceu na praça. Antônia estava com os braços caídos, recolhida ao quarto, esperando o marido deitar e se aconchegar ao seu corpo. Estava acostumada com a noite tranquila, mas agora uma tempestade assolou o lar. Lembra que Dênis demorava em voltar da rua, e João Pedro vivia sempre incomodado.

Por alguns minutos, os três permaneceram num silêncio cheio de interrogações. Dênis era o mais calado e tonteou com a situação vagarosa. Sentiu-se pressionado com os questionamentos dos pais, depois permaneceu inerte.

João Pedro e Antônia, mesmo silentes, pensavam numa tática para tirar o filho da situação sinistra. Ele, então, resolveu romper o silêncio, para melhor entender o que estava ocorrendo:

– Deninho, me diga uma coisa, você tá nisso como consumidor ou traficante?

Antônia espantou-se com a atitude do marido, fazendo uma pergunta assim. Espichou as pernas, tentando avaliar melhor, bateu com

os pés em Amarelo que dormitava debaixo da mesa, e que se recolheu novamente. Só por muita necessidade o marido tomava iniciativas.

O menino ergueu os olhos:

– Só consumo, pai. Só dou umas pitadas no bagulho, na boa.

– Há quanto tempo está nisso? – Perguntou Antônia, revirando-se na cadeira.

– Pouco tempo, mãe. Mas eu não sô viciado, não.

Pai e mãe olharam-se, sabiam que o filho mentia. Isso os atormentava mais ainda, Dênis nunca admitia seus erros. Se não aceitava suas atitudes negativas, era porque iria continuar com os erros. E se continuasse com os erros, continuaria escondendo. E, quando descoberto, negaria tudo isso. Ocultaria e negaria até a última chance.

Antônia voltou à carga:

– Você está falando a verdade, Dênis? Tentamos sempre, eu e o teu pai, conseguir o melhor pra você. Está te faltando alguma coisa na vida que tu queira? O que você pensa?

– Não, mãe. Vocês dão de tudo pra mim. Cuidam de mim, me amam...

– Mas, então! Diga pra nós, o que acha que devemos fazer contigo?

– Não sei, mãe. Fico nas mãos de vocês. Eu errei, errei muito. Desculpa, pai, desculpa mãe. Fico nas mãos de vocês. Sei que traí a confiança de meus pais, sei disso. Estou envergonhado, então, agora vou obedecer o que resolverem.

João Pedro permanecera calado até então. Pensava numa solução para o filho. Há tempos, já havia notado diferenças de comportamento nele. Afastava-se deles, tornara-se irresponsável com os estudos, estava magro e relaxado com as roupas. Todos esses aspectos pintavam uma mudança negativa no filho.

– Olha, filho. Faz tempo que eu e tua mãe vemos que você mudou muito. – Enquanto falava, olhava para Antônia, buscando uma confirmação para as suas palavras. – E isso não pode continuar assim. Vamos ter de tomar uma atitude com você.

– O que o teu pai está falando é pura verdade. Notamos uma diferença grande em você nos últimos tempos. Você, meu filho, decaiu muito, muito mesmo.

A cozinha silencia com os pensamentos do pai e da mãe. Pensavam numa ação para não perdê-lo, sobretudo não buscando punição. Isso seria terrível para todos. Uma atitude dos pais que o tirasse das drogas, da vadiagem. Ao mesmo tempo, sem deixar a doença impregnar o filho, mas dar a solução com tratamento. Isso é o que poderiam lhe oferecer.

Antônia esboçou uma conclusão:

– É assim, Deninho. Acho que o João também vai concordar comigo. Vai ter de se tratar com algum especialista. Só olhando pra você, qualquer pessoa nota que precisa de ajuda. Vai fazer um tratamento com um psicólogo ou psiquiatra. Vai tomar remédio. Tudo isso porque estamos preocupados contigo.

Como um réu, o menino balançou a cabeça positivamente. Preferia não falar nada.

João Pedro complementou:

– É isso. E vamos organizar tua vida. Vai procurar um serviço, meio turno que seja. Tem de levar a escola a sério, não pode parar de estudar. Precisa estar mais perto da tua família, filho. Pra não se perder na vida, continuando a respeitar tua irmã. Tem de ser um exemplo pra ela. Ela gosta muito de você.

O cansaço se abateu sobre eles. A noite já ia, era madrugada. O frio cortava e a solução era se recolherem. Antônia pediu para o filho conferir as cobertas da irmã, se eram suficientes e depois também dormir.

Quando Denis entrou no quarto, Denise dormia profundamente. Não presenciara o colóquio familiar, certamente.

XI

O dia ainda por nascer, eram cinco da manhã, mas os pássaros já anunciavam a alvorada. João Pedro acordou e, com olhos ressecados, concluiu que dormira mal. Parecia que a cama não era a mesma de sempre: macia como a mulher ao seu lado.

Olhou para o lado e ela dormia. Aparentava ter dormido uma noite leve, ao contrário da sua. Ele sonhara com coisas esquisitas e sombrias. Caminhava na chuva no centro da cidade. A uma certa hora, a avenida Brasil servia de estrada, não perambulava, o seu trabalho era noutra direção. As pessoas abrigavam-se nos guarda-chuvas e andavam apressadas; eram muitas, e também existiam algumas sombrinhas. De repente, se multiplicavam. Olhava para trás, uns quatro alinhavam-se próximos a ele. Apressava o andar e eles também. Olhava para trás, novamente, e não conseguia ver os donos dos guarda-chuvas. Eles vieram em ofensiva, apressou-se, e eles também. Quase correu, mas as pessoas a sua frente não abriam caminho. Ficou tenso, exasperou-se. Depois criou coragem, quando chegou à esquina, resolveu ficar de lado e espreitar o estranho movimento. No momento certo, avançou e descobriu seus proprietários. Eram Dênis, Maiquel e os parceiros.

Acordou aterrorizado. Antônia o acalmou e voltou a dormir. Mas ele ficou acordado por um bom tempo. Depois, pensou em descobrir o significado do sonho. Meninos na proteção do vício. Seria isso? Não pensavam que era a ruína da vida. Ao mesmo tempo em que se escondiam, corriam o risco de os adultos descobrirem. Não pensavam que podiam ser punidos? Na verdade, o que eles não tinham era consciência dos atos, pensava.

Resolveu ficar mais um tempo na cama. Recostado na guarda, recordou as conversas da noite anterior. Surpreendera o filho na praça, nunca

havia passado pela cabeça que ele fosse dependente. Foi uma decepção, o coração alvejado por uma tempestade que se aproximava com nuvens e ventos agudos. Por minutos, ficou abobado com os acontecimentos.

Resolveu levantar, tomou banho e vestiu-se; mas os pensamentos o perseguiam. Será que ele e Antônia agiram certo com o filho? Buscar um tratamento seria a solução mesmo?

Ora, sabiam que o filho podia ter dívidas de drogas. Deveria ter dívidas também, resultantes da vadiagem ou de roubos. Lembrou, ainda, das brigas na escola e das muitas saídas noturnas.

Deviam buscar uma solução, pois Dênis beirava os dezoito anos. Não avançava nos estudos, ainda frequentava o ensino fundamental. Era um grandalhão, companheiro de meninos. Gostaria que amadurecesse, sáísse da adolescência logo.

João Pedro levantou e foi até a cozinha, colocou água para aquecer e abriu a janela. Vislumbrava o dia com o sol nascendo, em contraste com o frio do inverno. Seus olhos percorriam a geadá cristalina cobrindo a grama e os telhados. A paisagem lhe dá vontade de tomar chimarrão bem quente. Ligou o rádio e soou uma música sertaneja.

Escutou um barulho abafado, não sabia de onde vinha. Olhou para os lados e viu Amarelo deitado num pano envelhecido, perto da porta dos fundos, ele apenas levantou os olhos. Ruídos vinham do quarto, agora, Antônia levantando. Tinham de trabalhar, sempre saíam juntos. Ela apareceu na cozinha, o cansaço transparecia no rosto.

Ele tentou começar bem a manhã:

– Bom dia, amor. Achava que dormia bem, mas parece que não e tá com a cara ruim. – Falou, beijando-a na boca.

– Bom dia. Dormi, mas estou assustada com os problemas de ontem, com Deninho. Depois que deitei é que caí na realidade, nunca pensei que uma mãe tivesse de passar por tudo isso.

– Um pai também.

Sentaram-se próximos do fogão. Ela bocejava, olhava para baixo, pensativa. Em muitos momentos de sua vida, ficou dessa maneira, observando o chão como se as tábuas pudessem dar forças para suportar as agruras dos fatos. E, agora, um filho com problemas, com cara inocente, mas com envolvimento no submundo.

João Pedro notou o ar tristonho da esposa:

– Acho que ontem fizemos certo, amor. Não adiantava enlouquecer com ele...

– É, João, vamos ter de enfrentar mais isso. – Olhou para a parede, o relógio ainda não marcava o horário do ônibus.

Gostavam desses momentos, a conversa antes do horário do trabalho. O tempo para sentar, tomar o chimarrão, pensar na vida, pensar nos filhos, dissipar o sono, e depois, tomar o rumo do serviço com calma.

– Passamos por muitas dificuldades, Tonha. Mas enfrentamos tudo juntos. Mais uma não vai sê o problema. Depois tudo passa.

– É, mas isso deixa a gente mais velha. O cabelo fica branco.

Por alguns minutos, permaneceram em silêncio. João Pedro a observou e sentiu ternura. Era um instante aprazível e gostava de sentir-se assim. Seus olhos pousavam nela, apaixonados. Num relance, lembrou de como se conheceram na escola. Fora sua única namorada. Concluía que, por isso, o casamento durou, única mulher na vida. Sempre carinhoso, não enxergava seus defeitos.

– O que houve, João? Por que me olha desse jeito?

– Sabe por que te olho assim.

– Lá vem você com essas coisas. Cuida da hora, em vez de me olhar assim.

Ele se aproximou e a beijou na boca com estalo.

– Sonhou com o que, para estar de manhã desse jeito, meu marido? – Falava lambendo a boca para sentir melhor o beijo.

– Lembrando como nos conhecemos.

– Me perseguindo na volta da escola, malandro! – Largou um sorriso, gostando do assunto.

– Ali eu já estava apaixonado pela morena clara.

– Será mesmo? Mal me conhecia.

João, malicioso, chupou mais um gole do chimarrão.

– Já te cuidava de longe, mulher. Você era muito bonita.

– Então quer dizer que agora não sou mais? – Ela riu da trapalhada dele.

– Não, não é isso. Você continua um mulherão. Bonita em todos os sentidos. Como dizem, por dentro e por fora. Mulher e mãe exemplar é o que você é. Sempre cuidadosa e carinhosa com todos. É uma mulher inteligente.

– Está bom, João, está bom. Não exagera tanto.

Sentia-se lisonjeada com as palavras do marido. Gostava disso. Às vezes, conforme o tempo de conversa que sobrava, ele aproveitava para ser meigo.

– Cuidado com a hora, – preveniu ela.

Quando chegou o instante de saírem, cessaram a conversa, agora era pensar no trabalho. Antônia gostava desses momentos das manhãs. Acordar, sossegar antes de sair, assegurava um bom início de jornada. Tinha o João como um ótimo marido e grande companheiro para levar a vida. Amava-o e não se imaginava distante dele.

Saíram para a rua. Até a parada do ônibus, seriam duas esquinas. Conversavam mais ainda, na verdade era um namorico.

A cidade, ensolarada, abrigava os barulhos e movimentos iniciais de mais uma nova manhã. Mas o frio insistia.

XII

Exausta da correria, entrou agitada. Tirou os sapatos, – que ficaram no meio da sala, – e se jogou no sofá. Necessitava de descanso, de uma parada; que fosse ali mesmo, de pernas para o ar. Um silêncio reparador. Amarelo se aconchegou e focinhou seus sapatos, abanou o rabo e procurou seu colo. Coçou-lhe a cabeça, buscou o celular na bolsa e ajustou no silencioso, não desejava ser acordada.

Cerrou os olhos e se deixou envolver por um céu e estrelas transparentes que seguiam seus percursos. Era o universo. Numa troca de imagem, a paisagem sideral foi dissipada, uma imagem campeira a substituiu. Ela caminhava na direção de uma choupana solitária numa colina. Aproximava-se, mas era impedida por muitos animais que cruzavam seu caminho. Eram novilhos, aves, cães, gatos, pacas. Não muito longe, peixes de várias espécies habitavam um córrego. Tinha esperança de abrir a choupana, e nela muitos mistérios talvez lhe aguardassem. O seu interior reservaria uma nova vida. O caminho até ela, de repente, era ocupado por répteis. O brilho do sonho ia embora e o céu ficava nublado. Serpentes vinham e abriam a boca na sua direção. Sofrimento e angústia quando uma peçonhenta se aproximava. Um relâmpago iluminava o interior da choupana: João Pedro agonizava numa cama, enfermo. Pedia socorro, estendia a mão e dizia: ajuda, ajuda! Mas tudo ia sumindo.

Acordou com o telefone chamando e Amarelo choramingando. Ela atendeu, era do hospital, pediam sua presença. João Pedro piorou da hipertensão há dois dias e fora hospitalizado há três horas. Precisava voltar e ter notícias do marido. Saiu sobressaltada. A parada era a poucos passos e precisava suportar a espera do ônibus. O espírito se agitava.

Sentiu compaixão, o marido não merecia o que estava passando. Era um homem virtuoso. Trabalhador, pai dedicado e carinhoso com ela. De quando em quando, sentia-se culpada por não fazer as coisas como ele merecia. Seu único homem, único companheiro, único amor, único amigo.

E o ônibus? Cadê?

Lançou-se pela rua a caminhar. Não adiantaria esperar, enquanto no hospital, numa cama, João Pedro precisava de cuidados. Quem sabe a pé. Cansaria? Não, o dia estava com temperatura amena. Mas não importava, não podia cansar, ele esperava auxílio. Sentia sua falta, poderia estar em casa sendo bajulado. Não, não, afastou as preocupações, não podia enfraquecer.

E Deninho, por onde andaria? Que bom se estivesse ali, sendo prestativo. Só pensava em confusão aquele descompromissado.

Deixar de lado isso, deixar de lado, agora era só hospital. João, meu amor. Conformava-se: as calçadas não estavam congestionadas e o caminhar era livre, folgado, então renderia. Dava passos largos e pisava firme.

Voltou-lhe a lembrança do sonho. O que foi aquilo? Um sinal, pensou ela. Ou uma mensagem, um presságio? Um alerta para prestar socorro ao marido? Ao seu amor? Aqueles animais foram mudando de figura e o aspecto do sonho, e alterando o conteúdo para um nada. Não era hora de interpretar sonho algum, tinha de se apressar.

No hospital, chegou à recepção e pediu informação, mas não obteve. Foi até o posto e subiu ao andar informado. O coração saltava, enfermeiros cruzavam os corredores. Chegou.

João Pedro não estava mais ali. Mas na CTI.

Pediu para sentar. Um banco próximo à parede lhe servia. As pernas não suportavam mais o corpo, sentia fome e sede. Não aguentava mais, a cabeça e o coração agitados, era uma mulher toda em desespero.

A notícia ainda não era (ou já era) fatídica: derrame e parada cardíaca. Pensou no pior.

....

O dia estava nublado e quente, era primavera e o céu preparava dias maçantes. A casa mortuária enchia: parentes e amigos chegavam para se despedir de João. Algumas mulheres abanavam o rosto, o calor apertava. Outros abandonavam o lugar para se refrescar lá fora.

Antônia chorava, sentada numa cadeira ao lado do ataúde. Fixava o olhar no marido morto. Ele transpirava jovialidade. Por isso desejou que abrisse os olhos e voltasse para este mundo.

Vinte anos juntos, para terminar assim, teso, sem vida. Era um homem de probidade, companheiro fiel. Deveria viver mais tempo para terminar de criar os filhos.

Dona Francisca segurava suas mãos e afagava seus cabelos. De quando em vez, a abraçava. Denise se aproximou e ficou ali, aparecia sempre alguém a prestar condolências. Muitos não eram conhecidos, mas elas se esforçavam e eram gentis.

João Pedro era bem visto no bairro, tinha uma boa imagem. Alguns diziam que “não tinha boca para nada”. Outros pronunciavam: “também não se metia em confusão”, era “família”. Alguns colegas do supermercado também vieram se despedir dele.

– O patrão veio, mãe? – Antônia perguntou, erguendo os olhos com esforço.

– Você acha, minha filha, que ele viria?

– É mesmo, ele só serviu para trabalhar dia e noite. E o pessoal do sindicato?

– Tão todos aí, Tonha.

Hamilton, próximo, desvencilhou-se da mão da mulher. Escutou a conversa e resolveu se aconchegar também.

– Patrão não se mistura nem nessas horas. Paga uma miséria e pronto. E a tua patroa?

– Bah! Nem sinal. Não larga a loja por nada. – Antônia ergueu-se e ficou de pé.

As pessoas afastaram-se. Um homem vinha em sua direção.

– Alberto, Alberto conseguiu vir. – Sua boca tremeu e ela chorou.

Abraçaram-se apertadamente. Ele não segurava o choro: mana, mana, que tristeza, meu Deus! Virados de frente para o caixão, distanciaram-se do público, queriam aquele momento só deles e aproveitar os últimos minutos com João Pedro. Antônia apertava o irmão cada vez mais, lágrimas escorriam pelo rosto e os olhos cravavam na imobilidade do marido. Teve a impressão de que falecera tranquilamente, sem dor. Uma morte serena.

Desviou o olhar para o irmão ao lado. Parecia que Alberto tinha a mesma impressão sua. Quietamente, abraçado a ela, percorria os olhos úmidos pelo moribundo, como se estivesse fazendo uma investigação.

Após as palavras do padre, o féretro andou. O cemitério ficava ao lado da capela mortuária. A poucos passos, João Pedro seria enterrado. Antônia ficou pensativa e o choro diminuiu. Passou a ter um sentimento de raiva e estranheza. Era do Dênis, que recebera a notícia da morte do pai. Mas se foi isso que aconteceu, não poderia culpar o filho. Mas a vergonha dele não estar presente a incomodava. Dona Francisca perguntava pelo neto, Denise queria saber do mano e os tios procuravam o sobrinho. Esquisitice era o filho não vir no velório e enterro do próprio pai, falavam. E ela não tinha tempo de justificar.

Ficou sozinha à frente do túmulo, após as cerimônias. Quis isso, porque buscava retirar do tempo mais alguns minutos perto do amado. Ou tentar conversar mais um pouco, ou pegar na sua mão. Gostaria de beijar sua boca pela última vez. Não sabia por que, mas lhe veio na cabeça um conto que lera anos atrás: *A Morta*, de Guy de Maupassant. Nele o marido fazia de tudo para ficar perto da mulher amada que havia morrido. Foi ao cemitério onde os mortos voltavam e trocavam os escritos das lápides, e diziam a verdade. Revelavam as mentiras que os familiares escreveram sobre eles. Retiravam os escritos em ouro. Revelou-se, então, o ódio e a traição da sua amada. Mas aqui, pensou Antônia, não precisava mudar uma vírgula na lápide. São escritos verdadeiros e fiéis de um amor rompido pela doença.

Terminou uma oração, mandou-lhe um beijo e retirou-se. No portão do cemitério, dona Francisca e Denise a esperavam. Depois iria atrás de Deninho.

XIII

– Denise, Denise, não me escuta? – Antônia ofega, saindo pela porta da rua.

– O que, mãe? Eu estou vendo umas coisas que eram do pai.

– Pega minha bolsa, enquanto eu fico na porta cuidando o ônibus. O que está vendo do pai?

Denise volta do quarto com a bolsa em punho, apressada.

– Mãe, tem um dinheiro? Quero um lanche.

– Não, filha. Só tenho pra passagem, mas tem pão em casa. O que estava vendo do pai, mesmo?

– Uns livros, roupa, umas coisas.

– Seleciona as coisas, mas não joga fora os livros, só as roupas velhas.

– Tá indo aonde, mãe?

– Vou à delegacia.

– Não acharam o mano ainda?

– Não, ainda não.

Após Denise tocar no assunto da ausência do irmão, Antônia caminha até a parada de ônibus, absorta na imagem do filho. Tem saudades, tanto dele, quanto do marido. E sabe que Denise sofre também com essas faltas. Resolve voltar para casa, então, a filha não pode ficar numa solidão sem fim. Entra, vai até o quarto dos filhos. Deitada de bruços, a menina chora. O corpo se movimenta e os soluços expressam seu desespero.

– Minha filha, o que é isso? – Senta na cama, aconchegando a cabeça da menina no seu colo. – Não fica assim, agora você tem a mim, e o mano, há de voltar. E o pai está no céu, cuidando de nós.

Ao mesmo tempo em que a acalenta, passa os olhos no corpo dela: virando moça, essa menina, pensa. Denise cresce, o corpo torna-se esguio, e ela amadurece.

– Sinto falta do pai e do mano, – resmunga.

Antônia a abraça, uma melancolia surge e dissipa a observação do corpo de Denise. Puxa-a até o peito. Lágrimas escorrem pelo seu rosto. O corpo inerte da filha se espicha todo na cama.

Enquanto acompanha o sofrimento de Denise, lembra a época em que dona Francisca tirou-a da casa de seu Antenor. Chorou, chorou muito, quando trabalhava lá. Ficou longe dos irmãos e dos pais, e não usufruiu o amor dos seus parentes mais próximos. Trabalhava para estranhos, era uma criança ainda e, no entanto, obrigada a uma vida de adulto. Foi um grande alívio quando a mãe foi buscá-la, na situação da iminência de agressão sexual. Mas, no momento atual, vê sua filha em estado de angústia semelhante. Uma grande agonia sua no passado, e agora, agonia da filha. Ela no passado, longe das pessoas mais íntimas; Denise no presente, longe do irmão sumido e sem o pai. João Pedro dedicava grande afeto a ela, e eram muito apegados. A própria natureza humana se encarregou da proximidade de pai e filha. Daí o sofrimento de Denise por essa perda e pelo desaparecimento do irmão, que aumenta seu desespero.

Denise adormece com um soluço. Os pensamentos de Antônia acalmam-se, o pranto fica entalado na garganta, e também adormece num misto de sonho e pesadelo.

Foram duas horas. O sol segue seu curso elíptico, faz um pouco de calor; não é um dia ventoso. Dia bom para um descanso, mas Antônia tem compromisso com a delegacia. Precisa acordar Denise. Então, desvencilha-se dos seus braços e põe-se a chamá-la. Atônita, resolve telefonar para o delegado, avisando do imprevisto: terá de ir à tarde para a audiência (ou depoimento?). Não sabe o que está valendo das reuniões.

No início da tarde, saem em direção à delegacia. Antônia pensa que a filha não deve ficar em casa sozinha. Por isso, foi oportuno ter regressado e passado mais umas horas com ela, para acalmá-la e consolá-la. As duas sentem-se solitárias nesses dias.

Descem do ônibus. Sentem o calor e o abafamento do ar cozinando suas peles. É verão e o calor, escaldante. É época de todos comentarem as leis do tempo: verão queimante e, no inverno, frio cortante.

Cansadas, entram na delegacia. Denise senta-se na sala de espera. Quando Antônia entra no gabinete, vê que o delegado já a esperava, sentado atrás do birô:

– O que temos para hoje, dona Antônia?

– Eu é que pergunto, doutor. – Ela responde e pensa em limitar cada vez mais suas respostas.

– É que a polícia não está tendo sucesso. Não achamos ainda o paradeiro de seu filho, ainda não o achamos, não temos vestígios, nenhuma pista. Nada. A senhora nos diz apenas que ele saiu da fazenda, não achou emprego fixo, nem matrícula na escola e não estudou mais. Só a senhora pode nos ajudar, não temos mais nada dele. Somente a senhora, mãe do sumido, pode fornecer-nos algo.

– Não sei o que o senhor quer, o que posso fazer? Eu venho aqui na esperança de saber do meu filho. Não durmo à noite, fico pensando nele, minha filha também não dorme. Estou a fim de mobilizar meus parentes pra me ajudar. É só isso no momento que posso lhe dizer, mais nada.

– A senhora é a mãe dele, não tenho onde obter indícios do seu filho, a não ser com a senhora. Trabalho ele não tinha; estudar, não estudava. Então? Como vamos fazer? Mas me diga uma coisa: quem eram os amigos dele? – O delegado Carlos Luiz fala pensativo, com a mão direita no queixo, o olhar preocupado.

– Era o Maiquel, todo mundo chamava de Maiquinho. Vivia grudado nele, sempre andavam juntos. Eram unha e carne, sabe? Mas aprontavam muito juntos. Os dois têm a mesma idade, mesma cabeça, mesmo pensamento, faziam as coisas juntos, estudavam na mesma sala, mas não terminaram o ensino fundamental.

– Esse Maiquel também era usuário de drogas?

– É isso o que eu falei, faziam tudo juntos, até isso...

O delegado resolve interromper, intrigado, mas perspicaz:

– Faziam ou fazem, dona Antônia?

– Não tente ser esperto comigo, doutor. Sabe que não sei o pa-

radeiro de meu filho. E também sabe da minha dor como mãe. Como também não sei se a minha patroa vai continuar me liberando do serviço pra vir aqui... – Antônia fala, exasperada com a atitude do delegado.

– Me desculpe, senhora. Saiba que estamos nos empenhando ao máximo para ajudá-la. Temos várias equipes de busca para isso. Aceita um copo d’água?

Antônia reserva-se por alguns minutos, segura o choro, sente-se aflita. Aquele lugar, a delegacia, devia ser de conforto e alívio, pensa. Mas, pelo contrário, é um lugar de desespero, de cobranças, é pressionada a informar algo que não sabe.

Como uma pessoa tem de falar coisa que não sabe? Por que uma autoridade pressiona uma mulher a expressar um pensamento? Alguém pode acusar uma mãe de sumir com o próprio filho?

Ajeita-se na cadeira, estufa o corpo, como quem diz: devo enfrentar mais essa. Resoluta, pronuncia:

– É o seguinte, doutor Carlos: estava sendo muito complicado com meu filho, depois que voltou da fazenda. Não parava em casa, era fissurado por *skate*, depois ficou mais ainda, depois por moto e carro, não sossegava nunca. Não era nada vexado, por onde passava, deixava uma barafunda. E, pelo que notei, mudou depois que voltou a andar com o Maiquel. Esse guri não tinha cara boa, por trás aprontava, era um legítimo “come-quieto”, desculpe a expressão. Uma vez, fizeram um negócio com umas caixas de som, era dum primo do Maiquinho. Material novo e bonito, guardaram lá em casa, no quarto do Dênis e da Denise. Eu e o João perguntamos de quem que era tudo aquilo, disseram que tinham conseguido com um amigo deles que havia pedido pra fazer um negócio e eles ganhariam uma comissão. Depois de três dias, um vizinho distante apareceu furioso lá em casa, querendo saber deles. Se a gente não devolvesse as caixas de som, ia chamar a polícia. Tivemos de dar um jeito e devolver o material. Era uma vergonha pra nós isso.

– E o que a senhora fez com seu filho?

– Não eu apenas. Eu tomava decisões junto com o João. Combinamos tudo antes de agir. Com o problema que estava acontecendo, resolvemos procurar um especialista pro Dênis. Começamos a levar ele num psicólogo, porque ele já estava com problema das drogas. Tivemos um custo com isso, mas era necessário.

– Deu algum resultado? Isso é interessante eu saber, porque é um fato essencial no histórico dele. Por isso quero saber, inclusive, para o inquérito.

– Não, não... Nenhum... – Antônia responde, cansada. É um assunto que não aprecia conversar.

Faz um esforço enorme para se manter calma num momento daqueles. Quer levantar e sair correndo. O delegado não tem ideia do que se passou com Dênis. Naquela época, a única solução viável que ela e João Pedro tiveram foi mandá-lo para uma fazenda de recuperação em Santa Catarina.

Naquele instante, seus pensamentos são cortados pela entrada de um policial que fala algo no ouvido do delegado. Antônia aproveita a oportunidade, faz um sinal qualquer para ele e sai da sala. Passando pela sala de espera, puxa Denise pelo braço e se lançam para fora do prédio.

– Mas o que foi que aconteceu, mãe? – A menina fica espantada.

– Nada, nada, filha. Vamos pra casa, tenho de tomar meus remédios.

XIV

Quando Dênis foi surpreendido na praça, não conseguiu se defender. É que os pais não sabiam de tudo o que ele já tinha feito na sua vida desgarrada. A maconha era só um passatempo, pois tinha já experimentado drogas mais fortes como o *crack*. Quando se aprofundava, ia até à exaustão e, no tempo em que recobrava a consciência, usava a tática de se esconder. Ficava no porão da casa de Maiquel. Sabia que ali não seria descoberto.

Isolado com o amigo, não causava danos a sua família. Era só recuperar os sentidos e retornava à vida normal. Essas atitudes duraram um tempo, até as coisas complicarem com o próprio parceiro. Maiquel queria mais aventuras, ele não. Quando não tinham dinheiro, compravam as drogas mais baratas e faziam dívidas. Até que o companheiro passou a ter ideias mais ousadas, como realizar assaltos. Dênis, então, iniciou um recuo nas diligências, até ser descoberto.

A ida para a fazenda foi aceitável, o que não gostou foi do psicólogo. Conversas não davam a mesma sensação da maconha ou de outra droga. Na fazenda, inicialmente, tinha mais liberdade, mesmo trabalhando.

Oi, mãe.

Como vai a senhora? E a mana, como tá? Ela deve ter crescido nos últimos meses. Deve ter virado uma moça.

Primeira coisa: quero me desculpar com a senhora por todos os males que lhe fiz. Eu incomodei muito, só lhe dei desgosto, aprontei demais. Desculpa mãe, viu? Desculpa mesmo, do fundo do meu coração. Por minha causa a senhora ficou doente, precisa tomar remédio, e o pai, acho que morreu de desgosto por mim. Hoje a senhora toma remédio e faz tratamento por causa dos incômodos que dei por muitos anos.

E a fazenda, mãe, é muito bonita. Aqui tem muito trabalho, trabalho mesmo, basquete como se diz. A gente não pode brincar com a coisa aqui. Mas acho que vou gostar, e tudo pela senhora eu faço agora. Como me disse muitas vezes: não perca tempo de tua vida, guri.

Agora que ficamos longe, que vou ficar na fazenda e a senhora aí, em Passo Fundo, vou sempre lhe escrever cartas. Já vi na secretaria, eles mandam pra gente. Os outros piás também vão fazer; colocam no correio pra nós, os coordenadores. Assim, também a senhora pode me responder, que eles vão me entregar suas cartas.

Pode até estranhar, mas eu escrevo bem direito. Gostava das aulas de Português. Mas das outras matérias não gostava, não. No sexto ano a professora fazia a gente produzir textos. Escrevia bastante e eu gostava.

Agora quero contar sobre a fazenda. Ela é muito bonita, tem muito trabalho, mas também é grande. Tenho certeza que vou gostar daqui, será muito bom, é grande mesmo.

Quero dizer pra senhora que só tenho um objetivo daqui pra frente, é me recuperar, ficar bom da cabeça, melhorar e depois voltar pra casa, é isso mesmo que eu quero, mãe.

Tenho certeza também que a fazenda vai ser ótima pra mim. Quero me recuperar, mãe, quero muito. Aqui tem de tudo, tudo o que não tem na cidade, eu nunca tinha visto quanta coisa desse tipo.

A fazenda tem lavoura, gado, campos, campo de futebol e de outros esportes. Os quartos são grandes e são muitos. O refeitório também é grande e a sala de tevê é muito boa também. Tem uma capela aqui também. Há um rio que corta as lavouras. No campo, que é muito grande, o gado corre ali. Tem uma mata mais ao longe, com muitas plantas nativas e muitos bichos, tem pinheiros, também, mas não são muitos.

Há, eu já fui lá também, mãe, o galpão dos tratores, e tem ferramentas e carroças, inclusive. Perto dali tem um estábulo, onde ficam os cavalos. Quero andar a cavalo, vai ser muito bom pra mim.

Acho, mãe, que aqui vou poder mudar e ser outra pessoa, mudar de vida.

Tchau, mãe.

Beijo na mana.

Dênis.

Espero que essa carta tenha sido bem escrita.

XV

Nos primeiros meses de fazenda, Dênis estranhou muito. Pensava na sua vida, diariamente, várias vezes. A existência pregressa era passada a limpo, mas a sujeira o perseguia. Resolveu, então, se concentrar no serviço rural durante o dia; e, à noite, após o jantar, assistir aos programas de televisão e depois rever os acontecimentos transcorridos. Concluiu que escrever os pensamentos que corriam pela cabeça acalmava o espírito. Como também entrar em contato com a mãe, ilustrando a fazenda e se perdoando.

Oi, mãe!

Como estão todos? A senhora? A mana? E os tios? A vó? Não soube mais nada deles, estão bem? Antes de vir pra fazenda, já não sabia nada deles, como vão?

Quero contar uma coisa. Quando cheguei aqui, achei muito estranho tudo. Acho que pensei isso porque sou acostumado com a cidade, sempre vivi na cidade, acho que é por isso.

Quem sempre viveu na cidade leva tempo para se acostumar no campo, numa fazenda. É tudo diferente, diferente mesmo. É muito calmo aqui, muito silêncio. Na cidade é outra coisa. Vai tudo no barulho, tem mais bagulho para fazer. Aí é isso, só agitação. Mas aqui não tem nada disso, mãezinha.

Mas eu quero contar outra coisa, mãe. Eu cheguei com as minhas coisas na minha mochila e eles se admiraram das poucas coisas que eu tinha. Poucas roupas e poucos calçados. Pediram se eu tinha material de higiene, e eu não tinha. Eles deram pra mim e depois iam cobrar de você.

Achei estranho, porque pensei que tinha trazido tudo. Mas pensei depois, é que eu nunca me esforcei pra ter as coisas, não é mãe? Depois que guardei minhas coisas no alojamento, tinha uma entrevista.

Perguntaram muitas coisas. Me reviraram tudo por dentro, mãe. Não gostei disso, queriam saber de tudo. Diziam que era preciso, era tipo um cadastro, uma ficha de apresentação. E que também precisavam ter. Os doutores que iam cuidar de mim tinham que me conhecer, disseram. Ainda bem que eu trouxe todos os meus documentos.

O ruim foi quando me pediram por que eu vim pra fazenda. Eles queriam o motivo, mãe, de eu vir pra cá. Eu falei o que eles deviam saber, que a senhora tinha contado o motivo. Embrabeceram comigo. Não gostei disso, não gostei mesmo.

Por fim, eu disse. Disse que fumava porcaria e que também cheguei até a cheirar. Que brigava em casa, não trabalhava, não estudava, que chegava até a roubar. A senhora sabe que eu não gosto de falar disso. Não gosto mesmo.

Espero que a senhora responda. É a segunda carta minha.

Quando a senhora vem me vê? Quando? Ah, quando vier, traz um celular pra mim, traz. Seria bom. Daí a gente podia conversar.

Já estou com saudades.

Amo vocês todos.

Deninho.



QUARTA PARTE

A FAZENDA

XVI

Enquanto Antônia levava uma vida complicada em Passo Fundo, Dênis vivia levemente em Florianópolis. Após a estranheza dos primeiros meses, aos poucos ia se soltando na fazenda. O objetivo da estada foi sendo preterido. Isolava-se de vez em quando no quarto, à noite, com o intuito de registrar novidades e mandar para sua mãe. Não tinha a preocupação se as cartas contassem todos os fatos, e se diziam a verdade, porém, gostaria que chegassem até às mãos acolhedoras.

Oi, mãe!

Como vão vocês?

Hoje estou escrevendo só para contar o que eu e uns meninos fizemos aqui na fazenda. Sabe mãe, aqui é perto das praias de Floripa. Eu e os guris queríamos ver, ir até lá.

Pedimos pra diretoria se algum dia iam nos levar pra ver o mar. Ela disse não, não tinha jeito de fazer isso. Disse também pra nós, que viemos pra fazenda, não pra ter moleza e ter vida boa, mas pra nós nos livrar dos vícios, e aprender alguma coisa boa pra vida. Era isso, e não vida boa de praia e mar.

Tem muitas regras aqui, mãe. É tudo muito organizado, hora pra tudo. E a gente não pode fazer nada sem permissão da diretoria. Não estou gostando daqui, mãe. Não posso fazer nada. Aqui, pelo jeito, não vai ser bom pra mim.

Daí que nós organizamos ir pra praia, eu e os piá. Tem uma galera boa aqui. A gente sabia que não era fácil fugir. Mas, também, por que eles não levavam nós pra ver o mar?

Tivemos que combinar a hora e por aonde a gente iria. Parecia fácil sair da fazenda, mas não era não, era bem difícil. A melhor hora era de tarde, no início do turno. Na hora em que a gente vai fazer o serviço dentro dos galpões. Que fique bem claro, que fui com meu grupo de trabalho, são vários meninos como eu, mãe. Tem muita gente aqui, a fazenda é enorme.

E agora, por onde ir e não ser pego? Tem um mato logo perto, onde pudemos nos arriar e sair por ali. Depois só tinha uma cerca pra gente pular.

Foi isso que fizemos. Em vez de ir trabalhar, fomos numa tarde de praia e ver o mar. A senhora não acha que eu tinha o direito de ir na praia? Eu e os guris?

Mas o grande problema foi atravessar as avenidas movimentadas. Veja, que perigo passamos. É muito movimento, são carros, caminhões, ônibus e até motos. Mas a gente tinha de passar os bagulhos das avenidas. Foi difícil, e o Diego, um dos guris, quase foi atropelado. Mas conseguimos chegar até a praia.

Como é bonita a praia aqui, mãe. O mar é limpo, é água verde. E essa que nós fomos, perto de Floripa, é linda. Pena que a gente não tinha calção de banho pra aproveitar mais. Não sei o nome certo dessa praia. Mas não é longe de Floripa. Pegamos carona, também, pra chegar até lá.

Não tinha muito dinheiro pra nós tomar mais alguma coisa, mas a galera tinha mais que eu e aí deu pra mais alguma gelada.

Ah, vi uma garota lá, falei com ela. Era linda, muito linda. Conversamos muito. Nos molhamos no mar, foi muito bom ficar com ela.

Agora, mãe, é uma coisa muito boa o mar bater nos pés, ver as ondas, os barcos, é muito lindo.

Tivemos outro problema, foi na volta. Quando chegamos, já era noite, estava todo mundo esperando nós, alguns da direção da fazenda queriam até chamar a polícia.

Deixaram nós de castigo, ficamos sem janta. No outro dia, aumentaram nossa carga de trabalho. Da próxima vez é caso de expulsão.

Tchau mãe,

Beijo na mana.

Dênis.

XVII

O dia clareava, chamava as pessoas ao trabalho. Não importava se o descanso não fora suficiente, era necessário levantar. Dênis bocejou barulhento, abrindo a boca mais que os olhos: era tarde. Mas não tão assim, cogitou. Virou-se e o corpo pesava, levando a quedar-se no sono. Por mais que soubesse que seus ouvidos receberiam muitas reclamações da mãe, tinha o direito de descansar.

Descansar: seria verdadeiro usar esse verbo?

Que nada, tinha o direito de continuar na cama. Era inalienável! Essa era sua vontade naquele momento.

O sol iniciava sua órbita e os sons urbanos principiavam a trajetória diurna. Ônibus, carros, freadas, vozes, sirenes: o movimento citadino embalava todas as rotinas. Mas isso não foi capaz de tirar o sono avantajado de Dênis. Quem chegasse àquela hora, tiraria a conclusão de ver um rapaz falecido. Deitava de barriga para cima, coberto até o pescoço e no calor da cama. Mas sonhava imerso num mundo distante, apesar da paisagem onde caminhava ser real. Passos pesados, o destino era um lugar de muitos afazeres. Uma estrada cortava um bosque. O lugar tinha um som objetivo, um final da estrada, que nunca chegava. O frio descia sobre tudo. O gelo liso surgia e dificultava a caminhada. Precisava trabalhar, mas... Várias tendas apareciam, qual era a sua? O serviço, o trabalho.

– Dênis, Dênis! Passou da hora!

É Antônia aos berros. Indiferente, ele vira para o lado da parede.

– Levanta, vadio, só falta você perder o emprego. – Enquanto fala, sacode o corpo do filho pelos ombros.

Abre os olhos, a consciência avisa que saiu de um sonho. Vê a mãe atordoada.

– Que foi, mãe?

– Sabe que horas são? São nove da manhã. E o teu serviço, guri?

– Por que não me acordou antes? – Boceja, sente frio fora das cobertas.

– A obrigação de acordar é tua. Tenho meus compromissos. Não cria juízo, né! O tio Tonho não vai aceitar atraso. Vamos, se mexe!

– Fez café, mãe? – Lentamente sai da cama e começa a se vestir.

– O quê? Não dá tempo pra isso, preguiçoso. Se o teu pai fosse vivo, você ia levar uma tunda. – Dá as costas e sai do quarto pisando firme.

Dênis fica numa agitação sem fim, sabe que ficará sem o café da manhã. Agasalha-se, sente o frio cortante no quarto mesmo. Na cozinha, vê a mãe arrumando pratos na pia, – é a louça do dia anterior. Deduz que ela não irá ao serviço, ou talvez irá mais tarde. O rádio toca um *rock* dos anos noventa.

– Bom serviço, meu filho!

– Obrigado. Tchau, mãe. – Responde ele, batendo a porta e sentindo o ar gelado no rosto.

Antônia para com o que está fazendo, põe uma chaleira d'água para esquentar a fim de preparar o chimarrão, e senta próxima ao fogão. O frio aperta. Sente uma aflição de ver o filho sair no frio para trabalhar. Lembra que, quando pequeno, criança carinhosa e afável, ele e Amarelo brincavam como almas puras. Criaturas maravilhosas, sem pecados e sem maldades.

À medida que Dênis crescia, transformava-se: mudava para pior. Em vez de amadurecer, decaí como alguém rolando ladeira abaixo, sem chances de voltar. Como podem as coisas ser assim? Pensa ela. Hoje por hoje, remoendo profundamente a educação do filho, inicia um processo de culpa. Falharam no desenvolvimento do Dênis. Juntos, ela e João Pedro, não fizeram por merecer um filho que lhes desse orgulho.

O ar gélido penetra as paredes de madeira. A água ferve, esquecida no fogo. Dá uma trégua no passado, desliga a boca do fogão e dirige-se até o quarto de Denise.

A menina dorme um sono profundo. Linda, conclui Antônia. Na frente do espelho, observa-se. Tinha envelhecido, mas a pele ainda tem vigor, os cabelos mostram alguns fios brancos. Nota que há algum tempo não se cuidava. Há meses não comprava um esmalte novo. Com os problemas de Deninho, desleixa-se, também a morte do marido deixa a vida difícil. Aumentam os gastos médicos e não sabe até que ponto o menino largará as drogas. Sempre remava contra a maré na escola, repetia o ano, e agora, é preguiçoso também para trabalhar. Ajuda muito pouco nas despesas da casa.

Um roçar na porta tira sua concentração. É Amarelo, pulando para entrar. Parece querer avisar que o dia vai longe.

...

Enquanto caminha para a construção, Dênis imagina como explicar o atraso. Eram duas horas sem trabalhar e o mestre de obras fica enfurecido quando os peões chegam atrasados. “Essa gurizada não é do batente, não querem nada com nada”, costuma dizer.

Em frente à faina, acumulam-se entulhos. Precisam demolir uma casa antiga para erguer um prédio moderno. Atrás das calças surge um homem robusto, com capacete amarelo, cobrindo o crânio:

– Tarde de novo, Dênis. Não é mesmo do batente. A vida é dura, dinheiro não cai do céu. O pior é que precisamos demolir logo essa casa, antes de a prefeitura embargar, pode ser um prédio histórico. Mas você não entende disso. Veio para trabalhar?

– Sim, sim. – Fala baixo, envergonhado.

– É, guri, precisa caprichar, agora, tem uma fila enorme querendo a tua vaga. Lembra, tá aqui por causa do teu tio Tonho, que pediu. E sem atraso, agora. Vai lá ajudar na demolição.

Dênis fica aliviado, mantém o emprego. Agradece mentalmente ao tio e também à mãe, que exigiu dele mais empenho. Caminha na direção de onde veio o chefe. Avista um grupo de trabalhadores que marretam uma parede. Aproxima-se. Parece concreto, diz um deles, sôfrego. Dênis pega uma marreta e começa a labuta. Custam alguns minutos para ter a eficiência dos demais. Com esforço, acelera o ritmo e, em pouco tempo, vence a dificuldade inicial.

Logo vem o cansaço. Mas não pode diminuir o ritmo das marretadas, para não atrasar a produção. A demolição vai devagar, mas precisa marretar e marretar. Além disso, as mãos estão rígidas do frio, mas não pode parar. A solução é bater forte, derrubar a parede, antes do intervalo do meio-dia.

Marretar e marretar, sem parar.

Vai, Dênis. Força! Você é capaz, você é bom, ruma com firmeza. Dessa maneira, tenta inverter o que todos falam, as cobranças da família e as intromissões em sua vida. Sou um cara bom, trabalhador. E as drogas? Não quero mais.

Marretar e marretar, sem parar.

O polegar esquerdo é atingido, quando tenta retirar um tijolo da parede. Uma dor insuportável lhe dilacera. Era só o que faltava, pensa, impaciente.

Enfim, tem de voltar para casa. Se continuará no emprego, não sabe.

XVIII

Os momentos de Dênis aliviar sua angústia na fazenda eram à noite, com a ajuda de um menino interno. Logo, quando chegou, Renatinho foi escolhido como companheiro de quarto. É um menino negro, de sorriso largo, estudioso e de atitudes cordiais. Dênis não entendia como ele foi parar ali, e também por que era tão calado. As cartas saíam escritas somente com o seu auxílio. Não concluiu o ensino fundamental, odiava as aulas de língua portuguesa, nada interessado em leituras. Assim, não poderia elaborar cartas bem escritas.

Oi, mãe!

Como vão todos, tudo bem?

Fiquei esperando uma carta sua, por que não escreve pra mim? Não me responde? Desde que eu vim pra cá, tenho saudades de todos. As cartas seriam uma maneira de ficarmos perto, mas a senhora não me responde, não me manda nada, o que anda fazendo, mãe?

Mas, a senhora sabe por que estou cobrando? Por que tá muito ruim aqui. Não estou gostando desse lugar. Estou achando estranho por que eu tenho de continuar na fazenda. Já faz meses que não fumo maconha e nem cheiro mais. Não sei mesmo o motivo de eu ficar aqui, só trabalhando, sem ganhar nada.

Aqui a gente tem de levantar cedo, tomar um café fraco. E fraco mesmo, e depois vamos pra alguma palestra ou reunião e aí é que vão nos dar o serviço. O serviço, ou é na sede ou no galpão, no curral ou, ainda, nas plantações de arroz. Cuidar das plantações é o mais puxado, e na lavoura é direto no sol.

Na lavoura, muitas vezes, tem de acompanhar o trator, mas não dão o trator pra nós dirigir. Por mais que a gente sabe guiar, mas não dão, não confiam. Dizem que a gente é muito novo. Seria legal a gente dirigir trator, não seria mãe? Muito dez. Mas eles dão para os internos mais velhos.

Tratar das vacas é muito melhor, porque é no coberto, tirar leite também. Não é no sol. Mas, no campo, tocar o gado, o diretor nunca quis, principalmente depois que fugimos aquela vez. Não deixou nunca. Ele diz que é distante e que poderíamos fugir de novo. É um lugar mais escondido, depois da mata. Ainda, é que podemos nos meter nela, nos esconder e fugir.

Por isso eu digo, mãe, que é muito ruim ficar aqui, não estou gostando. Eu quero voltar logo pra casa, pra minha família e ser gente melhor.

Ai, mãe, a senhora não vem me visitar e não me escreve, não responde as minhas cartas. Estou muito triste por isso.

Por hoje é isso.

Tchau, beijos. Beijo na mana.

Dênis.

XIX

O telefone celular tocou, Dênis atendeu o aparelho jogado sobre a cama. Era Maiquinho, convidando-o para um encontro na Praça Tamandaré. Arrumou-se ligeiro, aproveitando a ausência de Denise no quarto. Era importante se prevenir, senão a irmã delataria aos pais. Já havia mentido que não teria aula essa noite, era se aprontar e zarpar para rua.

Fora de casa sentia-se num abrigo, ficava à vontade. Era o lugar da liberdade, dos amigos, dos parceiros, principalmente, do Maiquinho. Todos lhe davam segurança como um chapéu que cobre a cabeça, ao contrário de casa, da própria família. Na família não se sentia importante, mas um atrasado. Já na rua, era pessoa avançada, moderna. A mãe mal sabia manipular um celular, o pai menos ainda. Denise era uma bobinha, muito obediente. Assim, tornou-se um rapaz sutil e malicioso. Na rua se colocava como um esperto, uma cabeça entre a gurizada. Considerava-se uma pessoa com essa personalidade.

A noite fresca era mal iluminada, lua nova. O orvalho descia na praça, Maiquel, solitário, ocupava um banco aos pés dos plátanos. A luz vinha das lâmpadas dos postes. Com um *moleton* nas costas, esperava o amigo.

Enquanto isso, Dênis pulava a janela do quarto e dirigia-se ao local onde o companheiro o aguardava. Olhou para trás, conferindo se havia testemunha da sua fuga, e viu que estava sozinho. Uma camisa de manga longa abrigava o corpo e as mangas compridas cobriam as mãos. Caminhava tranquilo, pisava firme e acelerado, o corpo teso.

– Daí, cara. – Chegou Maiquel, quase de surpresa, não havia notado sua presença.

– Cara, chegou de mansinho. Diga aí, como conseguiu escapar?

– Foi moleza. Todos dormindo, pulei a janela do quarto e ...

– Mais uma vez, Deninho, beleza. – Maiquel vertia felicidade.

– É, cara. O que tu tem pra hoje? – Dênis interrogou, sentando ao lado do amigo.

– Te chamei só pra ficar um tempo na boa. Te liguei, mas achei que tu estava na aula.

– Eu também pensei na gente fazer alguma coisa, – disse Dênis.
– Daí dei um jeito de ficar livre esta noite.

– Mas o que tu fez?

– Disse que tinha só uma palestra, hoje, e que na verdade não tinha aula. É um saco estudar, né?

– Olha, Deninho, já faz tempo que parei, mas não sei se devia ter parado. Não consigo fazer mais nada. Fui ver um bagulho de trabalho, não deu, era uma coisa chata, *brother*. Meus pais encheram o saco pra ir, não queria, mas acabei indo. Fui ver, me disseram que se eu continuasse estudando, eles me pegariam, se não, não. Que bosta, né?

– Assim você também não tem serviço, cara!

Ao mesmo tempo em que Dênis parlamentava, fazia uma analogia com seu próprio caso. O amigo enrolava para não trabalhar, enquanto não ia à escola. Hora por hora, ficava livre para uma vida sem compromisso. Porém, pensava que ele mesmo não ficava longe disso, tinha atitude igual.

– Sabe, cara, eu sempre fui desse jeito solto, livre das patas, como diz um tio meu. Que ano tu parou, cara?

– Na escola? – Dênis estava absorto em lembranças e não prestava atenção no amigo.

– Claro, cara, vai se do quê?

– No sétimo, cara. E você?

– No sexto. Mas vô te dizer uma coisa: até que era bom de ir. Tinha umas mina legal na minha turma. Esses dois anos que não fui mais, me arrependo.

– Mas você repetiu bastante também, que nem eu, né? – Dênis queria confirmação, porque Maiquel mentira muitas vezes.

– É, cara. Eu não ia na aula, faltava muito. É que não gostava mesmo. Não fazia as atividade, nas prova ia mal e também faltava muito. – Ficou pensativo por um tempo. Colocou a mão no bolso do *moleton* e tirou um pacotinho de papel.

– É um bagulho, Maiquinho?

– É, cara. Senta aí, vamos dá umas fumada. Não se apegue aí.

Dênis agora enxugava os pensamentos e abriu um sorriso.

– O que estava pensando? O que tem aí?

Maiquel, mesmo com a blusa fechada, buscava com a mão direita uma revista. Dênis arregalou os olhos nos corpos estampados na capa. Ajeitou-se mais perto do amigo:

– Olha nesta página, tão se comendo.

– Gostosa, ela, né, Deninho?

Sugando a maconha e se deliciando com a pornografia, os dois deleitaram-se por horas na noite iluminada. As mãos deslizaram em suas coxas.

A névoa cobria o céu de outono. Os plátanos balançavam e assistiam à traquinagem dos meninos.

XX

Os dias na fazenda corriam num vagar que provocavam em Dênis um comportamento raivoso. Quando pensava na sua casa, aumentava a agonia, largava o serviço e refugiava-se no quarto. Sempre chamava Renatinho para escrever mais uma carta. Tomado de um sentimento arredo, esboçava alguns escritos, mas não conseguia finalizar. Num certo dia, porém, conseguiu lançar uma lauda.

Oi, mãe!

Tudo bem aí com todos? Quero saber notícias de todos em Passo Fundo. Da mana, o avô, a avó e os tios. Como estão todos?

Olha, mãe, diga porque não me responde. Sempre quis escrever muitas cartas, gosto disso, é isso que me atrai. Não tenho outra coisa pra fazer aqui, de noite, a não ser escrever. Mando as cartas e a senhora não me responde, por quê?

Mãe, aqui está muito ruim, eu explico. De dia é muito trabalho, e de noite é um saco. E eu fico sozinho à noite, é muito triste. Todo mundo fica só assistindo tevê, ninguém conversa com ninguém. Uns têm celular, mas a maioria não tem. Quem tem celular consegue falar com todos da família, mas quem não tem não consegue. Como eu, mãe, não consigo. Não tenho amizades, não sei o que faço. Estou ficando louco da vida. É um saco ficar sem ter o que fazer, e nem com quem conversar.

Esse lugar é o fim do mundo, estou ficando mané. Imagina eu, um cara esperto nesse desânimo, assim não dá.

Eu queria, mãe, por favor, se desse para me mandar um celular, comprar um pra mim. Sem nada pra fazer eu fico louco. Já tinha falado disso em outra carta.

Hoje, não tenho muito pra dizer, estou sem vontade pra escrever mais.

Beijos.

Dênis.

XXI

Desgostoso com a fazenda, Dênis não tinha motivação para viver ali. Os dias tornaram-se sombrios. Longe das parcerias, da vida desregrada, revoltava-se com todos. Sentia falta dos cigarros, de consumir um pó e de correr atrás de meninas. Ali estava longe de tudo. Até desejava ter uma escola na fazenda, mas que tivesse garotas, assim iria com gosto. Nunca teve namoradas, para ele, elas só serviam para sexo. Tinha transado algumas vezes, mas concluía que a satisfação ia longe ainda.

Num certo final de semana, a condição mudou, e todos os seus conflitos pareciam acabar. Ele resolveu narrar parte disso à mãe.

Oi, Mãe!

Tudo bem por aí? Por aqui vai a mesma coisa de sempre. Não muda nada, é muito chato. Não sei por que a senhora não me escreve, não responde minhas cartas. Gostaria que contasse alguma coisa, coisa daí. Porque eu tenho muita coisa pra contar pra senhora.

Olha, aqui é uma fazenda só pra meninos. Não tem menina, não vi, até agora, nenhuma por aqui. Não tem nenhuma, nem que seja pra gente olhar. Não sabia o que fazer, precisava namorar. Sentia falta disso até alguns dias atrás.

Por isso, eu quero contar uma história pra senhora sobre isso.

Certo dia, um daqueles em que as famílias visitam os internos na fazenda, estava junto uma menina. Ela era linda, mãe, muito linda. Tinha os cabelos pretos e lisos, eram compridos. A pele era branca. Parecia da mesma idade minha.

Mãe, ela parecia com a senhora, do mesmo jeito seu.

Depois que os pais dos internos entraram, ela ficou pra trás e aí eu cheguei nela. Puxei conversa e senti mesmo como era bonita. Era também perfumada, como cheirava gostoso. Comecei a conversar com a gata, mãe.

A senhora sabe, né, como eu tenho papo. Me larguei em cima.

O nome dela era Samantha, morava em Camboriú. O nome dela se escreve com h. Até era perto daqui. Já pensei quando ela me disse isso, poderia visitar ela mais tarde, quando saísse da fazenda.

Batemos muito papo, e quando tivemos oportunidade, fomos dar umas voltas, mãe, pela fazenda. Ela gostava de estudar, era muito responsável. Tinha um primo aqui, mas não fiquei sabendo o problema dele. Devia ser drogado ou alcoólatra. O que interessa é que gostei muito dela.

À certa altura, convidei pra gente ir um pouco até o bosque. E fomos, lá era bom porque era longe, ninguém incomodaria. Nós sozinhos conversamos mais. Pudemos nos conhecer melhor.

E claro, mãe, dei uns pegas na Samantha e transamos. Ela era muito gostosa, linda demais. E ela gostou. Estava gostando dela e ela de mim. Era muito querida, bom papo, também.

O problema foi que ela não podia ficar muito tempo comigo. Tivemos que voltar.

Foi muito bom, mãe. Hoje sinto muitas saudades dela.

Se a senhora responder minhas cartas, termino de contar minha história com a Samantha.

Tchau,

Dênis.

XXII

Após o enterro de João Pedro, Antônia tenta entender a fuga de Dênis nesse momento. Seus pensamentos vão para um caminho negativo. Para ela, o filho passou a sentir ódio deles por ter descoberto as drogas. Era impossível um filho faltar ao velório do próprio pai. Esse fato ainda a perturbou por um bom tempo. Por isso, quando ele apareceu, já tinha resolvido que deveria encaminhá-lo para um tratamento em alguma fazenda especializada.

As primeiras cartas não tinham referências ao pai, somente quando Samantha alegrou a sua vida, teve o ímpeto de explicar a relação com ele. Isso foi contado na carta abaixo.

Oi, Mãe!

Não sei se vou continuar escrevendo pra senhora. Não sei se devo, mas tenho esperança que a senhora tenha lido elas. Mas, sentindo muitas saudades, escrevi as cartas que poderia ter escrito. Fui persistente. Tenho saudades misturadas com arrependimento, se eu não tivesse errado, não estaria aqui nesse fim de mundo.

Sinto falta de todos de casa, da senhora, da mana. E até do Amarelo, como está ele?

Gostaria de um dia ir ao cemitério visitar o pai. Sinto remorso, muito arrependimento de tudo o que fiz e de todos os incômodos que dei. Só faltou eu cometer um crime para sacramentar minha decadência. Sei que o pai começou a ficar doente por minha causa, dei muito desgosto pra ele, muito mesmo. E agora não está mais conosco, está no céu. Era um bom homem.

Vou repetir, tenho um grande arrependimento do que aprontei. Não sei como consertar tudo isso, esses sentimentos estão todos dentro de mim. Lembro quando o pai me pegou com a maconha na praça. Vi nos seus olhos a decepção que estava tendo comigo. Deve doer muito uma decepção assim.

Talvez, por isso, não falei dele nas outras cartas. Vergonha eu tinha, tudo o que eu fiz e ele mal ergueu a voz pra mim. Era um grande homem. Não encontrei antes palavras para falar do meu pai, de tão honesto e bom que era.

Pensei até que ia apanhar muito por tudo que aprontei. E a senhora e o pai nunca me bateram mesmo. Sempre tiveram um bom coração comigo. Muitos pais dão laço nos filhos e vocês nunca fizeram isso. Foram bons pais sempre.

E digo mais, quando ele morreu não tive coragem de ver ele. Não queria ele morto. Ele não ia mais ouvir o meu pedido de perdão. E, também, se vivesse, eu não aguentaria a resposta de que não me perdoaria. Assim me perdi, não tive a coragem de ver ele morto e encarar os olhos firmes da minha mãe sobre mim também. Tive de sumir por umas horas e tentar buscar coragem pra tudo isso. E a senhora sabe, a coragem me vem de fora, no cigarro e no pó. Dessa maneira, perdi a despedida de meu pai. Aí me veio um remorso, não ia mais ver ele. Passei por um desespero, chorei sem parar.

Por isso, mãe, hoje eu penso que não é tão ruim a senhora não me responder, não escrever para o seu filho. Me deixa mais distante, como estivesse me punindo. Tem toda razão em fazer isso, eu mereço. Desgostei muito a senhora, principalmente o pai, que depois ficou doente e morreu por minha causa.

Peço à senhora, à mana e até ao Amarelo, perdão.

Me perdoem, pelo amor de Deus.

Vou tomar um rumo na minha vida de agora em diante. Está perto do final do ano, aí vou poder sair da fazenda e voltar pra casa. Quero ser diferente, ser gente melhor.

Adeus.

Dênis.

The background of the cover features a monochromatic, light-colored line-art illustration of several human faces. The faces are rendered in a stylized, almost cubist or expressionist manner, with prominent outlines and some internal shading. They are arranged in a way that suggests a group or a collective, with some faces looking towards the viewer and others looking slightly away. The overall tone is soft and artistic.

QUINTA PARTE

**BUSCAS
E REVOLTAS**

XXIII

Desperta, reserva alguns minutos deitada. A obrigação é estocar a mercadoria que chegou há dias. Muito serviço, conjugado com o atendimento ao público. Muito a fazer para um dia só na loja.

Senta na cama, pensando em outra tarefa do dia: reunião no sindicato dos comerciários. Muito estimada no meio dos trabalhadores, por isso foi convidada a participar de uma reunião importante da categoria. Terá de telefonar para saber o horário, está com vontade de aceitar o convite.

Levanta-se e abre a janela. A paisagem é primaveril; as árvores têm um aspecto alegre e as frutíferas estão florindo. Em breve, o pátio estará todo colorido. Antônia aprecia a estação, permanece um tempo olhando para fora.

Vai para o banho recordando o filho distante na fazenda. Saudades a invadem. Quanto mais a água do chuveiro escorre pelo corpo, mais sente a falta dos homens de sua vida: o pai e o marido mortos, e o filho longe. Tomara que Deninho esteja se recuperando, tenta animar-se.

Veza ou outra telefona para a fazenda, tentando obter notícias. O diretor, na maioria das ocasiões, é reticente nas informações, ao mesmo tempo que ela, ansiosa, quer saber mais do menino. É a sina de uma mãe, longe do filho, querer saber mais dele. Não tem nada de inescrupuloso em sentir saudades do filho.

Seus pensamentos transcorrem paralelos aos sentimentos profundos. Sente-se solitária. Mas, tem de se arrumar para o serviço, o mundo lá fora a chama.

Batidas na porta da frente interrompem sua conversa interior. Veste-se rapidamente, apressa-se indo até à janela e espia. É o proprietário da casa, provavelmente tenha vindo cobrar o aluguel em atraso. Apruma-se para atendê-lo.

- Bom dia, seu Álvaro.
- Bom dia, dona Antônia, como vai a senhora?
- Tudo bem, e o senhor? Entre.
- Tudo bem, com licença.

O homem é altivo, distinto e de bons gestos. O cabelo é grisalho e veste camisa e calça. Entra na casa e observa as paredes da sala. Parece conferir a pintura delas e a limpeza do assoalho.

– Sente-se, seu Álvaro. – Antônia procura demonstrar polidez. Assim, esconde o desprezo pelo homem.

– Obrigado. Mas é só um minuto que quero. A senhora já deve imaginar o motivo da minha visita, não é mesmo?

– Tenho certeza, senhor. – Mantém-se de pé, durante a conversa.

– Pois bem, temos nossos problemas, cada um com a sua dificuldade. Mas não posso mais esperar pelo aluguel, são dois meses atrasados, dona Antônia.

O homem tem os olhos firmes nela. Todavia, a inquilina observa os cabelos mais grisalhos do que na época que João Pedro trabalhava no supermercado. Pensa: está velho de tanto enriquecer. E o que resta para mim? Tenho economias, sim. Mas são para visitar meu filho na fazenda, as passagens são caras.

Interrompe os pensamentos, Amarelo está ansioso para entrar, arranha a porta. Abre-a ao mesmo tempo em que responde ao visitante:

– Pode ficar tranquilo, seu Álvaro. Ainda esta semana lhe pago, inclusive os atrasados.

Amarelo chega próximo e inicia um rosnar, e depois late como se estivesse anunciando a presença de um indesejado. Antônia xinga-o.

– Pois não, dona Antônia. Espero o cumprimento desse acordo, – assente o velho.

– Fique tranquilo, senhor.

– Então, bom dia. – Ele estende a mão e retira-se.

Amarelo acompanha protestando. Antônia fecha a porta, olhando para o relógio na parede, não pode se atrasar. Faz um carinho no cachorro, e ele balança o rabo.

No caminho para o trabalho, a imagem daquele homem incomoda os seus pensamentos. Terá que arranjar dinheiro para o aluguel, e também para visitar Dênis na fazenda. Na parada de ônibus, inicia um bate-papo com uma vizinha e dispersa os problemas.

XXIV

Chega à fazenda num início de manhã de outubro. A temperatura é amena, sob um vento brando. Escolheu uma boa época para viajar. No portão de entrada, ao pagar o taxista, dispensa seus serviços.

Apreensiva, não sabe como encontrar Dênis, receia não ser bem recebida pelo filho. Não sabe medir essa temperatura, talvez seja tratada como uma estranha. Volta e meia, nos últimos dias, essa desconfiança a cerca. Será muito triste ser tratada com indiferença pelo próprio filho. Deveras, muitos fatos mudaram o rumo de sua vida, a morte do marido, o aluguel atrasado, a filha doente no mês passado. Ele terá de ser compreensivo por não ter recebido a visita antes. Ela ligava para a fazenda, mas não tinha informação confiável.

Não prevê uma situação incomunicável com o filho. Mas sabe que, por parte dele, não há esforço algum para contatar a família. Não é do seu feitio, foi distante o tempo todo. Encontrá-lo com saúde e recuperado é o que importa. O encontro com o filho se aproximava, precisa somente enfrentar.

Entra em uma espécie de paço, na porta diz *Administração*. Parece ser a sede da fazenda e ali deve iniciar a entrada. Ao lado direito, um caminho leva a galpões e, mais adiante, uma coxilha com pastos, proporciona uma vista bonita. À esquerda disso tudo, uma mata faz o fundo de uma longa construção que parece um aviário.

Entra na sala que indica *Administração*, pergunta por Denis da Silva, informa que é sua mãe e desejava visitá-lo. O atendente some por um grande corredor, a fim de atender ao seu pedido. A sala possui, à direita, vários lances de escada em espiral, que mais parecem a imagem de uma tempestade em formação. Antônia fica na porta, esperan-

do. Apruma os olhos no horizonte, o céu azul deita-se sobre o campo, formando um arco singelo. Tem um tremor com aquela paisagem. Seus olhos distantes deixam transparecer um leve nervosismo, o filho pode surgir a qualquer momento. A preocupação atrapalha o deleite do belo horizonte. As dúvidas sobre Deninho surgem a sua frente. Como será tratada? Conhece-o muito bem, quando está raivoso. Permanece estática por alguns minutos.

Uma voz soa baixo, vinda de dentro da Administração. É aquela senhora, a mãe dele, balbucia o atendente para alguém:

– Mas ele já está vindo lá no fundo, veja.

Antônia rapidamente olha para o fim do corredor. É o filho caminhando em sua direção. Ela se espanta com a magreza e o aspecto doentio. Vai ao seu encontro, aproxima-se e senta com ele.

– Oi, filho! Como você está?

– Oi, mãe. beleza?

Abraça-o apertadamente. Logo vê a sua frieza, mesmo assim, mantém-se afável.

– Como está a vida aqui?

– Bem, apesar do trabalho.

– Mas é para tua recuperação, filho.

– Não sei, não.

– Como você está para baixo, triste. Não está gostando daqui?

– Todos esses meses, e só agora tenho notícias da senhora. E como tá a mana? E o Amarelinho?

Já havia escrito sete cartas. Sentou muitas noites antes de dormir para escrevê-las. Não era muito dado às palavras, mas fez um esforço. Pediu ajuda a Renato, queria se aproximar de casa, e essa era uma das maneiras. Na fazenda, não tem muitos amigos, não se sente à vontade para falar sobre suas intimidades. Entretanto, escreveu à mãe, a única pessoa que realmente ama neste mundo. Queria pedir perdão, principalmente, após a morte do pai, que também amava. Sua mágoa é tanta, por não responderem suas cartas, que se sente estranho com a visita.

Desconhecidos, frente a frente, mãe e filho. Só ele sabe da verdade justificada em cartas. À meia-luz, muitas noites, usando o meio de

expressão mais antigo. Escreveu sobre quase uma vida inteira. Pensava na distribuição das palavras, explicando-se, justificando-se, humilhando-se, expondo-se. Contou a sua vida na fazenda distante, o fim do mundo, para ser perdoado por ela.

E o que ela fez? Nada. Nada vezes nada! Nem foi capaz de responder algumas linhas. Como gostaria de receber uma carta dela. A fazenda era triste, sombria e nefasta, e uma carta seria um alento. Queria o calor de mãe em alguma carta. Compensaria a voz firme do pai, que, infelizmente, não estava mais no mundo. Além disso, queria ter o sorriso de Denise, brincar com ela ajudaria a passar o tempo.

Sim, sim, a mãe é uma estranha. Agora espera ela falar das cartas. Quem sabe ela fez isso para responder nessa visita, porque com o telefone seria muito artificial.

Mas não pode cobrá-la, ficará mudo, o silêncio será a estratégia, não perguntará sobre as cartas. A mãe será a única responsável em falar-lhe. Somente ela poderá acabar com a sua mudez.

Os pensamentos de Dênis são, por alguns instantes, uma estrada empedrada, cujas margens estão cobertas por uma gramínea seca.

A conversa segue:

– Você está magro, meu filho. Anda se alimentando mal, pelo jeito.

– Não. A comida aqui é boa, tem uma cozinha grande. As cozinheiras são boa gente. Fazemos três refeições por dia. De manhã tem lanche às dez horas, e de tarde, às quatro horas.

– Mas vejo o meu filho magro.

– É por causa do trabalho... – Lembra de ter contado sobre o serviço nas cartas, assim interrompe a descrição.

– Parece que vocês aqui trabalham muito. Vejo que a fazenda é grande, tem muitas benfeitorias construídas, muitos maquinários. Deve ter muita gente aqui se recuperando.

– Nós somos uns vinte guri da minha idade, mais ou menos. – Procura falar o necessário. Boca calada não entra mosca, pensa ele.

Vão vagarosamente pelo caminho. Antônia lembra que não precisava carregar sua sacola por ali. Depois solicita ao filho ajuda, e ele concorda. Uns instantes de silêncio parecem salutares. O sol ilumina

forte agora, e a sombra traz um frescor. Cada bicho, livre ou preso, manifesta a sua natureza. Antônia começa a se sentir aliviada, por ora.

Sentam-se num barranco coberto por uma vegetação rala. Apesar do grande desejo de vê-lo, ela sente um gosto de decepção também. Desolada, ao seu lado, observava-o estranho. Está arredio, fala pouco; parece triste na sua presença. Esse menino não está bem, reflete. Afasta-se para ver melhor o rosto dele, deve ter algo a dizer.

– Filho, você não está gostando daqui?

– Por que me pergunta isso, mãe? Não vê que estou bem? – Extravasa sua mágoa.

– Vejo que está triste, ou que não gostou da minha visita.

Agora, ele vira o rosto para ela como quem interroga: está cega? Não vê?

Alguns segundos depois, indaga:

– Mãe, algumas vezes eu já te disse que a gente não precisa falar tudo. As coisas tão estampadas na cara. Por que falar, então?

– Sim, filho, você já me falou, – diz ela, atordoada.

– As pessoas têm de enxergar. As coisas passam e se não olhar, nunca mais enxerga.

Seus olhos baixam, a voz empastela.

– Que coisa, meu guri, parece que está emburrado e tem muita coisa pra falar.

O coração dele aperta, lágrimas caem como cascatas. Aproxima-se do corpo da mãe, ela, sem hesitar, o aconchega. Os dois permanecem um longo tempo dessa maneira. Ele escuta o coração da mãe bater forte, e ela ouve seus soluços. Antônia afaga seu rosto, tem a consciência de que o filho não expressa todos os sentimentos. Não fala o que mais o incomoda.

No meio da tarde, tomam café. Ela admira a amplidão do refeitório, com inúmeras mesas arrumadas e uma cozinha imensa. Elogia o diretor por esse espaço ser claro e bem arejado. Também tece outras boas considerações sobre a fazenda. Somente não consegue dele uma previsão de alta do filho. Conclui que ele é uma pessoa reticente, como o filho dela.

À tardinha, despede-se e ruma para a rodoviária de Florianópolis. Consegue passagem de volta no ônibus que sai às 20h.

Volta aliviada por visitar Dênis. Mas angustiada pela tristeza dele, o seu choro e suas falas. Como também sabe de coisas ocultas que ficaram sufocadas. Gostaria muito de saber o que o incomoda. No ônibus, quer dormir para descansar. Contudo, não consegue.

Ele, por outro lado, apesar de aliviado dos sentimentos por vê-la, inquieta-se pelas cartas que escreveu. Teve a visita da mãe, mas nenhuma palavra sobre seus escritos. Desconfia até que ela não recebeu, impossível não ter falado delas. Parece que não existiram, cartas de papel em branco. Nenhuma linha ou letra rabiscada, folhas vazias.

À noite, deitado, os pensamentos rondam em torno da mãe. A imagem dela é a de uma estranha que o visitou. Só restou um aperto no peito.

Adormece com a sensação que lhe proporcionou aquele abraço da mãe. Um sonho inocente toma conta do seu sono.

As palavras das cartas persistem não lidas no seu destino.

XXV

Recém-chegada em casa, mal troca de roupa, Amarelo vem e rosna qualquer reclamação. É noite de primavera, o céu alarga uma lua nascente formosa. O ar é ameno.

Com este ambiente, Antônia quer ficar recolhida, descansar da labuta do dia na loja. Sem considerar o convite dos colegas para uma janta num restaurante. Recusou, preferia algumas horas com a filha em casa.

Amarelo insiste num alerta, latindo em direção à porta da frente. Algo o descontenta e prostra-se, esperando algum intruso chegar.

Com o comportamento do cachorro, Antônia vai até a janela para observar o portão. Apreensiva devido à escuridão, consegue enxergar seu Álvaro, aguardando. Amarelo late mais rente à entrada. Ela manda o cachorro se aquietar e abre a porta.

– Boa noite, dona Antônia, com licença.

– Boa noite, seu Álvaro, sente-se.

O homem senta no sofá próximo à janela, observando as paredes da sala novamente. Sua postura já é conhecida dela. Confere sempre a propriedade, fala para si.

A inspeção de seu Álvaro é interrompida por um grunhido de Amarelo. Antônia senta-se no sofá à frente, desajeitada. Imagina o motivo da visita do homem.

– O senhor aceita um chimarrão? – Oferece, sem saber onde colocar as mãos.

– Não, não, obrigado. O motivo de eu estar aqui é isso: a senhora não me pagou o aluguel de novo. Ora, eu sei que, desde a morte de seu

marido, suas dificuldades aumentaram. Ele era um ótimo funcionário, foi penoso o que aconteceu com ele. Eu não sei se agora a senhora pode colocar em dia, não sei.

– Hoje, durante o meu trabalho, seu Álvaro, pensava no aluguel. Fiz umas somas, umas contas, é que tudo encareceu: água, luz, telefone, alimentação. O governo diz que não tem inflação, mas tem. O meu salário não aumenta na loja. Ainda por cima, tenho um filho na fazenda de recuperação, em Santa Catarina. Posso conseguir parte do aluguel do mês passado.

– Todos nós estamos em dificuldades, tudo está em crise. O supermercado, por exemplo, não anda bem, o consumidor está comprando pouco. Anda economizando até na comida e assim, as vendas vão mal. Eu não posso esperar, não dá.

– Eu não posso fazer outra proposta, senhor, a não ser a de esperar. Me desculpe, não posso, tenho muitas despesas. É só o aluguel que está atrasado, o IPTU está em dia, desculpa.

Seu Álvaro põe-se de pé e fala com decisão:

– Eu também não tenho outra proposta, não tenho outra escolha. Se em dez dias a senhora não pagar os meses de aluguel, vou pedir a casa. E o prazo legal é de trinta dias para desocupar. Boa noite!

O homem retira-se, Amarelo toma a postura de um soldado. Antônia acalma-o e vai até a porta. Quando a visita toma a rua, Denise aparece jovialmente, com uma mochila nas costas.

Ela entra, o cachorro parece ainda um segurança. Os três vão para a cozinha.

– O que foi, mãe? O que o seu Álvaro queria?

– O aluguel atrasado, é isso que queria.

– E a senhora pagou, mãe?

– Como? Faz quantos meses que nos mantemos apertadas?

– E aí, mãe? Como vamos fazer? – Denise fala enquanto abre a geladeira. – E dá pra ver o nosso aperto, aqui tá quase vazia.

– Ele vai pedir a casa, filha. Aí vamos ter de procurar outra pra morar.

– Meu Deus, mãe, que ruim.

– Se o mano estivesse aqui com a gente, acho que o seu Álvaro não faria isso.

– Também acho.

Antônia levanta-se da cadeira, liga o rádio, vai até a pia e bebe água. Aliviada, considera:

– Temos alguns dias para pensar. Vamos ver alguma coisa para comer.

XXVI

– Levanta, Denise!

Grita da cozinha, Antônia. Têm de se arrumar e ir para a casa de dona Francisca. São três horas da manhã, recém veio a notícia que seu Antônio morreu numa estrada paranaense. O caminhão não venceu uma curva e capotou.

Vai até o quarto:

– Acorda, filha! Temos de ir até a casa da vó. Ligeiro! – Sacode a menina, apressada.

– O que foi, mãe? Tenho sono. – Denise vira-se na cama. – Por que ir na vó a essa hora?

– O vô morreu.

A menina, em sobressalto:

– Não, mãe, o vô não! – Senta-se na cama.

– Vamos, temos de ir pra vó. O corpo deve ter chegado. – Senta-se na beira da cama para aconchegar a filha chorosa.

– Como foi, mãe, que o vovozinho morreu?

– O caminhão virou numa curva, perto de São Mateus.

Denise, nervosa, seca as lágrimas com a coberta:

– Como vai ser agora, o mano longe, na fazenda, sem o vô e sem o pai?

– A vida é assim, minha filha. O mano logo volta da fazenda, não se preocupe com isso. Agora vamos ter de ir lá na avó, e depois, na ca-

pela mortuária, o corpo do vô já deve estar lá. – Enquanto fala, Antônia faz um carinho no cabelo de Denise.

A menina fica no quarto se arrumando, enquanto ela vai para a cozinha tomar umas cuias de chimarrão. Amarelo, com a cara triste, presente a notícia má, deitado embaixo da mesa.

Quando saem, a noite é levemente fria. Se olhassem para cima, veriam a lua encoberta por algumas nuvens escuras. Caminham de braços cruzados, se protegendo daquele ar da madrugada. O peso da morte retarda os passos. Não gostam de andar à noite, principalmente, numa noite dessas, cujo destino é um velório. Antônia pensa nas rugas com o pai. A estada na casa do amigo como empregada, a tentativa daquele de violentá-la e a expulsão de casa quando Dênis era pequeno ainda. Foi tratada como filha não desejada. Caminhoneiro distante da família, sempre na estrada e dando uma educação rude para ela. Sabia que tinha preferência por Alberto e Filho.

O caminhar pesa, o céu escuro paira sobre suas cabeças, a primavera segue seu percurso. A seu lado, Denise anda, triste e de cabeça baixa. Sente pena da filha, que gostava muito do avô. E Dênis? Tem de ligar avisando da morte, talvez possa vir. Quando visitou a fazenda, nem imaginava que isso iria ocorrer. E as reticências do filho durante sua visita? Quem sabe era mais uma das esquisitices do filho? Pensará nisso depois.

Dona Francisca mora a cinco quarteirões. Chegando perto, veem luzes acesas na casa. A velha vem abrir a porta, deixando à mostra os olhos vermelhos e inchados. Abraça a filha e a neta ao mesmo tempo, atarantada.

– Senta um pouco, mãe, antes de irmos para o velório. – Sugere Antônia.

– Fiz um café quente pra vocês.

– Não precisava, mãe. Como tá a senhora?

– Agora melhorei um pouco. Já chorei muito, antes mesmo de telefonar pra ti.

– Por que não me ligou antes, mãe? Ficou aí sofrendo, sozinha.

– O Alberto e o Tonho passaram cedo da noite aqui em casa, e já trouxeram o corpo do pai de vocês. – Lágrimas escorrem, puxa um lenço do bolso do casaco.

– Mãezinha! ... – Antônio pega as mãos dela e a puxa para o seu colo.

Denise aproxima-se com uma cadeira e retorna ao desconsolo, constata a cena de luto a sua frente.

As três levantam-se logo em seguida, fecham a casa e tomam a direção do cemitério da Vera Cruz.

Quando estão perto, dona Francisca ameaça desmaiar, e é amparada pela filha e pela neta. Firma-se e, em passos lentos, volta a caminhar. Rememora alguns acontecimentos da vida com seu Antônio. Inicia uma breve conclusão: não foram anos de muita união. Foram anos de afastamento, viagens e da sua vida na estrada. O marido viajava, mas o dinheiro não aparecia muito em casa. Levava as mais variadas mercadorias para os mais distantes lugares do Brasil, mas o dinheiro que era bom para a casa, não vinha. Dessa maneira, ela cobrava muito dele para sustentar a casa. Muitas vezes, passou dificuldades para manter os três filhos, quando eram pequenos.

Mas o que mais atormentou sua vida foi a perseguição sobre Antônio. A menina sofreu muito nas mãos do pai. Parecia que ele não aceitava a filha, tinha preferência pelos dois filhos. Por que preteria a filha? A menina foi só sofrimento, angústia, e ela sofreu junto.

Dissipa as recordações. Agora tem de receber os pêsames, a capela mortuária povoada.

Antônia pega a mão esquerda de Denise, agarrada nela. O ataúde está arrumado. O morto tem uma faixa enrolada ao pescoço. Deve ter muitos ferimentos, pensa ela. Posta as mãos junto às do pai e começa a chorar. Do seu peito, assoma uma grande ansiedade. Mesmo com suas divergências, necessita da presença do pai.

Perdeu o marido há pouco tempo, meses atrás. A morte a persegue e a vida exige cada vez mais. Dênis, distante; Denise, muito carente. Apesar de tudo, tem os filhos ao seu lado, é sua pequena família e, agora, a menina é sua companhia.

Tem poucos momentos de regozijo, mas são momentos seus. Não importa a sua idade. Sabe da vida dos filhos, mesmo estando uma próxima e um longe. Assim, os óbitos não vão derrubá-la.

O alarido aumenta na saleta, apesar das conversas abafadas. Vê que precisava ficar próxima à mãe e aos seus irmãos, que estavam che-

gando. Família reunida (ela não tinha cunhadas) em torno do caixão do patriarca, todos choram. De quando em quando, algum parente ou amigo vem dar um abraço de condolências. Isso Antônia não pode recusar, mesmo com os olhos vermelhos e lacrimosos. Com a ladainha, perde a mãe de vista. Revira-se para todos os lados, avista-a sentada num banco do pátio, conversando com uma mulher. Cruzam os olhares e a velha a chama com um abano. Ela atende, puxando Denise pelo braço.

Dona Francisca dispensa sua interlocutora:

– Filha, quero falar contigo duas coisas. Mas antes, quero saber se tem notícia de Deninho. Estou com saudades do meu neto. Quero dizer, você teve na fazenda, né? – Ela falava balançando a boca murcha e com olhos atentos aos de Antônia.

– Não se canse, mãe. Não se preocupe... – Acha que não era o momento da conversa.

– O menino tá bem, Tonha?

– Tá sim, mãe. Mas sobre isso conversamos depois, agora temos de nos despedir do pai.

– Eu estou bem, filha. Então quero ver duas coisas contigo. – Determina dona Francisca, fazendo sinal para ela sentar-se ao seu lado.

– O que é, mãe? Estou ficando nervosa. – Antônia cochicha, não quer que a conversa seja escutada por outros.

Dona Francisca cruza as pernas e olha ao longe. Demonstra tranquilidade, apesar do momento. Pensa, para depois falar:

– Bah, é o seguinte: primeiro temos que ver do seguro de vida que teu pai dizia ter. Nunca vi ele pagar mensalidade alguma, não sei.

Antônia interrompe, estranhando a insegurança da mãe:

– A senhora não lembra o nome da seguradora ou do banco onde ele tinha isso?

– Não, não sei, minha filha. Nem sei quem seriam os beneficiários do seguro. Quem sabe?

– Bah, a senhora tá desconfiada... – Antônia gagueja.

– É, talvez, talvez não exista seguro. A segunda coisa é que não sei lidar com a papelada, mal sei ler, daí quero que você veja sobre a pensão, é mais despachada com essas coisas.

– Vou no INSS daqui a alguns dias. Acho que o pai recolhia a previdência todo mês, não é mesmo?

– Não sei, ... não sei ... – Dona Francisca cochichava. – Ele não me falava dessas coisas. Viajava e não me dava dinheiro para a casa, minhas costuras não davam muito. Me arrependo de não ter dado atenção pra essas coisas de papel.

– Mas eu ajudo a senhora, não se avexe. Tenho de ver o atestado de óbito, antes de tudo.

– Por favor, Tonha.

O padre chega para a encomenda do corpo. Últimas despedidas. Antônia, agora mais des preocupada, leva a mãe para perto dos familiares e do sacerdote.

Sente compaixão por ela, continuará sendo seu braço direito. Ao mesmo tempo, não aprova sua atitude de falar em documentos durante o velório do marido.

XXVII

Não suporta mais as palavras entaladas, anseia por escrever. Anda pelo quarto de um lado a outro, não enxergando Renatinho ali, com seus olhos esbugalhados – o amigo dorme. A visita da mãe foi de total tormento, não esperava que fosse algo tão inútil. Tinha esperança que, após ver a mãe, fosse resolver todas as suas aflições ou fosse resolver a sua vida.

Roda atormentado, não consegue sentar, pensar e escrever uma carta. Imagina, mas as ideias rodam junto com seus passos, olha para o amigo e vê seu rosto assustado, agora.

Senta e pega a caneta. Vira o rosto para Renatinho, pedindo ajuda para iniciar a escrita. Após alguns minutos, as palavras fluem para uma carta final, a última que selaria o monólogo de um filho para com a sua mãe. As letras são desenhadas com sentimento de despedida.

Oi, mãe!

De todas as cartas que escrevi, essa talvez seja a mais importante. Já escrevi várias vezes que me arrependo de tudo que fiz, de tanto ter incomodado. Sei que a senhora, apesar de tudo, sempre me amou, e eu não reconheci, duvidei disso. Não fui bom filho, nunca fui, e agora não quero mais te causar desgosto.

Não sei o que vou fazer, depois que sair da fazenda, mas quero dizer que foram bons esses meses em que fiquei aqui. Aprendi muita coisa aqui, a vida com a natureza, o cuidado com os bichos, as amizades novas, muita coisa boa, mãe. Sempre te falei que não quero aquela vida mais, quero mudar. Quero fazer as coisas pelo certo, não quero

errar mais. Na verdade, com esta carta quero mesmo te contar uma grande novidade. Vou ser pai, não é uma bênção, mãe? É uma coisa maravilhosa ser pai.

A senhora vai estranhar, como vou ser pai preso aqui na fazenda? E se aqui não tem menina? Mas não sei se a senhora lembra da menina que namorei, a Samantha. A gente se encontrava escondido aqui. Ah, lembra que eles saíram de Passo Fundo e se mudaram para Santa Catarina? Eles vieram para cá. Só pode ter sido obra do destino a gente se encontrar aqui. Mas tenho até vergonha de falar para a senhora: nos encontramos naquele dia que fugimos e fomos para o campo. Depois continuamos nos falando. Namorava ela escondido e fizemos nosso filho no celeiro, um galpão longe da sede da fazenda.

Não é uma maravilha, mãe? Talvez a senhora não vá gostar quando ler essa carta, mas eu quero que saiba que estou muito feliz de ser pai.

Outra coisa que quero contar é que acho que está perto de eu sair daqui. Falei com o diretor e ele disse isso. É outra notícia boa. Assim vou poder construir uma família minha, levar uma vida normal com a Samantha. Vou falar pra ela voltar comigo pra Passo Fundo, é isso que vou fazer. Ela está estudando agora, logo vai se formar e pode conseguir um bom emprego. Não é bom isso, mãe? Uma família minha? Eu sendo um homem de bem?

Por hoje é isso. Beijo na mana.

Dênis.



SEXTA PARTE

O MAR

XXVIII

Cansou de ir à delegacia, mas é imperioso dirigir-se para lá mais uma vez para tentar conseguir notícias do filho. Tomara que Carlos Luiz tenha alguma informação hoje.

Sai à porta, Amarelo balança o rabo, assanhado, enquanto Deni-se apronta-se como se estivesse saindo também.

– Não, filha, hoje você fica, não pode ir junto, talvez demore.

– Mas, mãe, a senhora não quer companhia?

– Não, meu amor, eu estou bem.

– Tá bom, então.

Antônia vai com a esperança de que a polícia tenha achado seu filho desaparecido. Já faz mais de quinze dias que sumiu, nem seu próprio irmão se comunicou para dar informação do sobrinho na fazenda. Indicou o local para Dênis sarar, e agora? Não tem nem como lhe dar uma luz.

Chegando à delegacia, entra com ânimo no prédio. Esboça um sorriso aos policiais da recepção, desta vez. Em outros dias, mostrou-se carrancuda. Não sabe o paradeiro do filho, não pode ajudar a polícia nas diligências e, ainda, as suspeitas do delegado sobre ela.

Quando entra na sala do delegado, é surpreendida pela presença de outro policial. O homem está de pé, ao lado de Carlos Luiz.

– Bom dia, dona Antônia. – Cumprimenta o delegado.

– Bom dia, doutor, – responde ela, olhando de lado para o outro.

Mas o delegado antecipa:

– Este é o detetive Ronaldo Furtado. Ele vai participar de nossa conversa, hoje.

– Muito prazer, senhora.

– Prazer é todo meu, detetive.

Todos acomodados, os policiais têm papéis que largam sobre a mesa. Carlos Luiz, com o rosto sério, dá início à audiência:

– Pois bem, dona Antônia, o detetive Ronaldo fez um trabalho de busca do Dênis com seus contatos e, inclusive, diretamente com a fazenda.

– Descobriram onde ele está? – Antônia interrompe, aflita e ao mesmo tempo esperançosa. – Por que não me dizem logo?

– Calma, dona Antônia, calma. Vamos por partes, o Ronaldo vai explicar as informações que conseguiu levantar. – Carlos Luiz fica apreensivo.

O detetive reúne nas mãos algumas folhas e inicia a sua palestra:

– Pois bem, dona Antônia, eu fiz duas investigações procurando seu filho, Dênis da Silva, e tenho coisas importantes para lhe dizer. A primeira foi na casa do seu melhor amigo, o Maiquel dos Santos Victorino, chamado Maiquinho. Entendi que eles eram muito próximos, mas aconteceu que, quando vocês descobriram que ele era usuário de drogas, ele se afastou do amigo íntimo. O Dênis fez um tratamento com psicólogo, foi rápido. Parece que o Maiquel continuou na drogadição e não conseguiu se recuperar. Agora, penso que está morando em uma cidade, na casa de um tio, é no interior. Porém o que interessa é o Dênis, não é mesmo?

Enquanto o detetive fala, Antônia permanece taciturna, observando-o. É um rapaz de cabelos louros encaixados que, apesar da juventude, demonstra competência na sua obrigação. Há pouco tempo prestava serviço nesta delegacia e, logo, conseguiu impressionar a todos.

– O que interessa é isso, senhores, o meu filho. Trouxe pra casa, tirei da fazenda e agora sumiu.

Ronaldo, com um movimento de mão, interrompe a fala de Antônia:

– Calma, dona Antônia, a Polícia Civil trabalhou muito no seu

caso. Quero continuar no meu relato. Na casa do amigo, conversando com seus pais, foi confirmada uma amizade muito estreita entre os dois rapazes. Mas isso foi rompido, a senhora decidiu mandar o seu filho para recuperação do vício de drogas. Sobre a fazenda falo depois. O que tenho para revelar antes é que, quando a senhora buscou seu filho na fazenda, surgiu um fato novo. Aconteceu um roubo de carro num final de semana e, dois dias depois, a Brigada Militar encontrou o veículo depenado e incendiado. As investigações foram realizadas ...

– Mas meu filho não teve nada a ver com isso, policial ...

– Por favor, senhora, não me interrompa, eu quero prosseguir. As investigações foram realizadas e apontaram para o Maiquel e seu filho ...

– Isso não pode, não pode ...

– Por favor, dona Antônia. – Desta vez o delegado interveio.

– Quando interpelei o pai de Maiquel, tive a informação que o menino também não residia com ele. Morava há dois meses com uns tios no Paraná. Isso lhe tirou a responsabilidade do roubo do automóvel. O senhor Marcos dos Santos Vitorino revelou, no entanto, que Dênis procurava Maiquel ininterruptamente por esses dias. Assim, o seu filho, senhora, torna-se o suspeito do roubo e destruição do veículo.

Antes que Antônia interrompa as informações de Ronaldo, Carlos Luiz anuncia a segunda parte das investigações:

– Agora, dona Antônia, o detetive Ronaldo irá apresentar-lhe as observações da fazenda. É muito importante que a senhora escute com muita atenção.

Neste momento, Antônia respira profundo, tentando conter a agonia de ouvir os policiais. Um soluço incômodo sobe ao peito.

– Pois bem, senhora. Na fazenda, obtivemos informações muito relevantes do caso do seu filho. Ele não conseguiu recuperar-se, porque o local não era uma fazenda de recuperação de alcoólatras, muito menos de drogados, não existia tratamento algum. Era uma empresa rural, do agronegócio, possuía registro como instituição filantrópica para não ter a obrigação de recolher impostos. E tinha outro problema: não pagava os direitos trabalhistas dos meninos, como também boa parte eram meninos menores de idade. Por isso a senhora não conseguia informações

do seu filho por telefone e, com a visita, não desvendou o verdadeiro objetivo da fazenda. A questão mais importante que ajudou na investigação foi a existência de algumas cartas que Dênis mandava à senhora.

– Que cartas? Não recebi carta nenhuma.

– No momento em que viu a dificuldade de se comunicar com a senhora, ele passou a escrever cartas. A direção da fazenda ficou com a responsabilidade de remetê-las e, pelo que se constata, a senhora as recebeu. Solicitamos essas cartas para anexá-las ao inquérito.

– Acho, Ronaldo, que por enquanto está bom. Agora, dona Antônia, a senhora precisa responder algumas perguntas. Não recebeu estas cartas? Elas podem conter pistas de Dênis. – Carlos Luiz fala pacientemente.

– Não recebi, já falei. – Agora, Antônia desanima.

– A senhora tem certeza? Precisa colaborar conosco. Não sabemos da situação de seu filho. E agora, também, precisamos ver do roubo do carro a que ele está ligado.

– Olha, doutor, veja a minha situação. Meu filho está sumido, é suspeito de um roubo de carro e, ainda, soube agora da existência de cartas dele para mim. Que coisa! Além disso, em pouco tempo, perdi o marido e o meu pai, e tenho uma menina para criar. Vim até à Polícia para pedir ajuda, que achem o meu menino. Não se conseguiu nada e, ainda, ele é acusado de crime, e a mãe dele também, por estar protegendo, mentindo, ou, seja lá o que for. Não sei o que querem que eu diga. Não vim até vocês para isso. Se eu conseguisse achar o meu filho, não teria procurado vocês. – Soluça, iniciando um choro que não mais podia conter.

Carlos Luiz resolve interromper a fala de Antônia, está prolixa, e precisa obter alguma pista do fugitivo:

– Dona Antônia, não tivemos muito sucesso até aqui, porque não temos muitos elementos para tanto. O que temos é que a senhora não está colaborando. Está se portando como uma mãe que não sabe nada de seu filho, como se ele não existisse, como se não tivesse vindo da fazenda e, ainda, diz que não sabe das cartas, que podem ser reveladoras. Sem contar que nega a participação dele em roubo de carro. Assim, não colabora com a Polícia, inclusive dificulta a conclusão do inquérito.

Antônia, então, entra em desespero, num sentimento

que vai de raiva do delegado a uma imensa saudade de Dênis. Abre a bolsa, como se fosse procurar um objeto que lhe tirasse dessa situação inusitada. Nota que os policiais se colocam em prontidão, esperando uma atitude agressiva. Respira profundamente, para tentar um reforço e poder falar.

– Não aguento mais estar aqui. Estou desesperada pelo meu filho, vocês não acreditam em mim. Minha vida está um farrapo, preciso ir. Tenho a Denise em casa esperando por mim. Me avisem se tiverem notícia do meu filho.

– Por favor, só mais um momento. O que está fazendo com seu filho? Está escondendo um criminoso! – Rugiu Carlos Luiz.

Antônia aperta o passo e retira-se da delegacia desenfreadamente. Aos prantos, corre, aperta a bolsa, teme perder algo precioso, deseja chegar logo em casa. Atravessa a parada de ônibus, esquece que a distância até sua casa é longa. Não dá importância, o que interessa é o seu lugar, para poder chorar com tranquilidade.

Caminha aflita pela avenida Brasil, não olha para os lados, se o fizesse, não suportaria os olhares das pessoas apreensivas, seu sentimento é de horror. Mesmo assim, anda, quase corre. Seu destino é, talvez, o lugar onde seu filho a esperaria.

XXIX

Tortura.

Sôfrega, chega em casa, senta no sofá e a exaustão toma conta de todo seu ser. Lamenta-se, - como uma mãe podia passar por tudo isso? Não havia necessidade. Joga longe os sapatos, os pés cansados latejam. Chorando, estira-se no sofá. Sente abandono e saudades do Deninho, sentimentos ingentes. Por onde anda meu menino?! Grita desesperada. Amarelo, que a observa, leva um susto.

– Onde está você? Onde? Onde?

Contém-se, por um instante. Precisa de alguém para desabafar, mas Denise demora ainda para chegar da escola. A angústia volta, e é tão poderosa que dá um soco no próprio peito.

Olha o cachorro, que está com os olhos tristes, perto do sofá.

– Se você fosse humano, poderia me ajudar.

Amarelo cria coragem, achega-se e choraminga. Ela fecha os olhos e só enxerga o delegado Carlos Luiz vociferando: “O que fez com teu filho? Esconde um criminoso?” Não podia mais ouvir essas palavras golpeando a sua cabeça. Quer acreditar que a polícia desistirá dessa tese, até concluir o inquérito: a mãe defende o filho bandido. O menino não voltou, foi passear com os amigos e não voltou mais. Quem iria saber por onde andava? Estava procurando emprego, voltaria a estudar. Tudo andava certo, estava feliz.

Além de ter esse delegado autoritário com uma acusação sobre ela, não suporta a falta do filho. A saudade é grande, sofre a sua ausência. E Denise também lamenta. Muitas vezes a surpreendeu chorando, não só pedindo pelo irmão, mas também pelo pai e pelo avô mortos. O

seu desejo é cuidar dos filhos dali para a frente, levar uma vida tranquila, continuar na construção da família, que também era o projeto de João Pedro.

Tem de ser forte. Mas não dá mais. O peito arfante não aguentará por muito tempo. A cabeça pesa. A voz é insistente:

“O que fez com teu filho?”

Não suportava o delegado falando. Respira fundo, ao mesmo tempo em que se questiona: Como pode uma mãe sumir com o próprio filho? Essa voz a acalanta, é sua voz, voz de mãe, aquela que faz tudo pelos filhos. Uma mãe sozinha, vivendo com a filha e um cachorro, ser acusada de um crime assim, horrendo. Duas vozes dentro de si: uma de anjo e outra do maldito.

Não, não, precisa ser forte, Denise é pequena ainda. E o maldito passa a atormentar:

“Por que esconde teu filho? Um criminoso?”

Espera, Antônia, o anjo lembra um detalhe. Um sobressalto: as cartas. Carlos Luiz falou de umas cartas escritas por Deninho. Tem de pensar nisso, é muito importante, muito, muito.

O detetive também falou que Dênis escreveu cartas para ela. Contava coisas da fazenda, o que fazia, o trabalho, os amigos de lá. E reclamava que ela não respondia. Mas nunca as recebeu! Como podia responder, então? Nunca viu o carteiro entregar cartas da fazenda, nem na casa alugada, o tio Alberto também nunca falou disso. Foi ele quem intermediou a vaga de Deninho na fazenda, e agora mora na sua casa. Pelo contrário, falaria alguma coisa se soubesse.

Resolve esperar Denise chegar, para desabafar e descarregar sua agonia. Dividirá com ela. É irmã, tem direito de saber o que está acontecendo.

Finalmente adormece. Amarelo guarnece a casa calmamente.

XXX

Falta ânimo para o trabalho na loja neste dia. A vida está tão difícil que, mesmo trabalhando, os seus problemas não serão resolvidos.

É necessário deixar Denise na avó, hoje, e depois pensar numa solução. Antônia prevê algo que a menina e dona Francisca não podem saber. Seja o que for, somente ela saberá. Pensa no pior, e a sua filha não tem culpa. Ficarà na avó, ali estará segura, segura de tudo. Até da própria mãe.

Vai até o quarto, Denise dorme. A sacode:

– Acorde, filha, acorde!

– É cedo ainda, mãe.

– Vamos, vamos. Temos de ir pra casa da vó.

– O que aconteceu dessa vez?

– Nada, nada!

Denise fica sentada na cama e Antônia vai ao seu quarto trocar de roupa. Tinha saboreado o chimarrão matinal, são sete horas da manhã. De tão atarefada, desta vez esqueceu de ligar o rádio.

O céu amanheceu ensolarado e a temperatura está alta. Mesmo assim, veste uma jaqueta, para o caso de ter vento. Olha-se no espelho e observa que o rosto envelheceu. Sabe a causa, a voz: “Por que protege teu filho?” É isso, é o tormento. Dissipa a aflição, deve continuar se arrumando, mesmo sem muita vontade. Não tem ânimo para maquiagem. Vai até os fundos da casa, retira uma corda de varal e coloca numa sacola.

A hora apertada, tem de sair logo. Volta ao outro quarto, Denise ainda se veste. Sempre demorada. Apressa a filha e depois saem.

Denise insiste:

– Por que temos de ir pra vó?

– Filha, é o seguinte, você ficará com ela por uns dias. A mãe vai pra fazenda saber se o mano está lá. – Enquanto fala, surpreende-se com a própria astúcia em convencer a filha.

– Por que não posso ir junto?

– É cansativo, e não temos dinheiro pra mais uma passagem. E tem a volta.

– Mas precisa ir até lá? Não dá pra telefonar?

– Quando o mano estava lá, filha, nunca consegui saber direito dele por telefone. Agora, é só voltando.

– Mas ele não iria voltar lá. Ia fazer o que lá, agora? Não gostava quando estava lá, mesmo.

– Mas tenho de saber do mano, meu amor. Vou ter de descobrir, por mim mesma, onde está o mano. – A voz empasta.

As duas abraçam-se, desoladas.

Ainda bem que a mãe mora perto, pensa Antônia. A caminhada é rápida, às pressas, mas Denise não se satisfaz com a situação. Por que tudo isso? A conversa da mãe não convence, quer grudar nela. A hora é difícil, tem pressentimentos.

Os pensamentos latejam:

Onde está você, mano?

Onde está você, filho?

...

Quando Antônia deixa a casa da mãe, fica sem direção. O longo depoimento para o delegado, no dia anterior, trouxe ideias dúbias. Sobre a função verdadeira da fazenda, o comportamento de Deninho e o papel do contato do irmão Alberto. Tem muitas dúvidas, duvida de todo

mundo. Porém, o que não sai da cabeça são as supostas cartas do Dênis. Que cartas são essas que não recebeu? Seriam todas para ela, mesmo? Tudo isso a atormenta demais. O sofrimento é enorme e toma conta do seu coração.

A praça Tamandaré está movimentada e ali chega exausta. Procura um banco, observa o movimento. Pessoas mergulhadas em suas vidas e em seus problemas. Caminham tesas, olhos distantes.

Lembra-se do dia em que, com Dênis nos braços, foi corrida de casa. Sozinha, sem amparo, foi socorrida por professores que estavam em manifestação. Dias angustiantes, expulsa da casa dos pais, sem destino.

Agora, novamente, vive abandonada. O pior: acusada de sumir com o próprio filho. Toda a polícia desconfia dela, a própria mãe. Com estes pensamentos, ajeita-se no banco e arruma a sacola. Nela leva roupas e material de higiene. O que fazer a essa altura da vida? A dor é grande. Combina com a mãe para ela cuidar de Denise e de Amarelo. Precisa achar Dênis, aquele delegado não vai sossegar. O detetive foi até a fazenda, então não adiantaria ela ir até lá. E se fosse, iria sozinha? Não tinha alguém para auxiliar, nem parente, nem amigo. Aliás, somente uma colega da loja ajudou emprestando um celular. Mas o usaria somente se precisasse.

O movimento passa a sua frente, pessoas de todos os tipos, automóveis de todas as marcas e cores, ônibus atulhados. O horário corre com a multidão e ela não avista alguém conhecido.

Está pronta para ir longe. Em certos momentos, pensa em sumir, ir para algum lugar afastado.

Um lugar para não voltar. Onde? Como desejava ter João Pedro naquelas horas. Vem uma saudade devastadora, ele saberia encontrar uma solução definitiva. Respira fundo.

Solução definitiva? Quem sabe um lugar para não voltar mais? Onde? Por que Deninho sumiu?

Um lugar para não voltar. Onde? Se as cartas tivessem lhe chegado, talvez tudo isso não estivesse acontecendo.

Fecha os olhos, tentando não pensar mais. O movimento urbano se expande. Os pássaros gorjeiam nas árvores as agonias daquela ma-

nhã. Logo virá o final de semana, poderá descansar. De que adiantaria? Todos os finais de semana são de desassossego, procurando o filho. O que acontece mesmo é que o descanso nunca vem. Resolve voltar para casa. Lá pensará melhor. E, no quarto conclui:

Filha fracassada.

Mãe ingrata.

Esposa inútil.

Mulher decadente.

Meia-hora mais tarde, pendurada pela corda de varal ao pescoço, no próprio quarto, esganiça, os olhos turvam em imagens descompasadas e o corpo treme, agonizante. Rememora sua gente mais próxima, Dênis aparece num sorriso envolvente, brincando num jardim, João Pedro embala Denise, seu Antônio aconchega-se, e dona Francisca abre os braços para recebê-la.

Os olhos apertam, a garganta sufoca e o seu mundo escurece.

...

O delegado Carlos Luiz e o detetive Ronaldo batem à porta insistentemente, e ouvem o latido agonizante de Amarelo. Estranham o comportamento do cachorro:

– Se ela não está em casa, por que ele late desse jeito? – O delegado sussurra.

– Vamos arrombar, – sugere Ronaldo.

No dia anterior, o detetive esteve no encalço de Antônia. A desconfiança era grande, e resolveram investigá-la. Talvez estivesse escondendo Dênis dentro da própria casa. Estranham ela deixar Denise na avó, ameaçar viajar e depois voltar para casa. Quem sabe fez isso para disfarçar. Ficam atentos para ver se ela sai novamente, mas a demora é grande.

Um pontapé é o suficiente e Amarelo, ganindo, corre até o quarto de Antônia. Os policiais o seguem, e na porta, paralisam diante da

cena que vislumbram. Antônia balança levemente, pendurada pelo pescoço com uma corda de varal, a cabeça pendida para frente.

– Meu Deus! – Grita o delegado, paralisado em frente à morta.

– Nossa Senhora! Vamos descê-la! – O detetive treme. – Vamos, homem, me ajuda.

Deitam-na em sua cama, coberta por um lençol. O delegado senta-se ao lado, olha ao redor, desolado. Não sabe o que pensar, não acredita no que aconteceu e nega o que vê. Sente pena da mulher, e uma espécie de culpa. Se pudesse prever aquilo, a teria tratado de outra forma.

– Não acreditei em nada do que ela falou, Ronaldo.

– Sim, mas o guri ainda não apareceu. – Enquanto responde, o detetive faz uma chamada ao celular.

– Não era para terminar assim.

– Delegado, daqui a pouco chega uma ambulância, ânimo. Precisamos avisar os familiares.

Amarelo, ao pé da cama, observa tudo, choramingando.

XXXI

Maravilhado, ameaça correr antes de andar, o trabalho não o cansa. É uma lida que não atordoa. Mulher e filha esperam em casa. Não existe coisa melhor do que alguém aguardar em casa, pensa.

À beira da praia, a brisa e a fresca tardezinha de Camboriú, transmitem a sensação de estar num balanço. Os passos largos não incomodam, os olhos voltados ao mar o deixam leve. O verão é um paraíso, a cidade esplêndida. Sair do serviço, ter um caminho desses para casa e alguém te esperando, é uma plena felicidade.

Atravessa a avenida e, numa padaria, compra pão e leite. O leite precisa ser integral para o bebê. Quer comprar alguma guloseima, mas prefere deixar para outro dia. O intento é chegar cedo em casa: tomar um chimarrão, brincar com a filha e curtir a mulher.

O movimento entre tantos outros que voltam para suas casas o faz suar. Não se importa, logo estará no quarteirão do prédio, que fica a quinhentos metros da praia. Tirará a roupa suja da construção, tomará um banho e descansará na sacada. O apartamento é pequeno, mas confortável e bem-arrumado, alugado na imobiliária da construtora para a qual trabalha.

Está perto, mais uns poucos metros e chegará em casa. Samantha sempre com o chimarrão quente à espera. Muitas vezes os vizinhos confraternizam, também são gaúchos.

Assim, vive entusiasmado, com trabalho, salário, filha e mulher. O seu chão, Camboriú, é uma glória: movimento, praia, mar, festas, meninas de biquíni. Quando não são à beira-mar, as festas são no prédio.

Essa parte da existência, por outro lado, é controlada por Samantha, apesar do pouco tempo que vivem juntos. É moça, mas é mãe e mu-

lher casada. Grávida, numa visita à fazenda, não se deixou perder pela sua lábia. Podia ter esquecido ela e a filha, deixar tudo distante e continuar na fazenda como agregado. Mas não, procurou o pai de Samantha e colocou a situação para viverem juntos, constituir uma família.

Chega ao prédio, aciona a campainha, toma o elevador, agitado. Quer ver logo a filha e a mulher.

Entra no apartamento, olha tudo ao redor e fala:

– Como tá, minha princesa? – Fala com a voz melosa e beija a mulher. – Tudo bem, meu amor?

– Tudo bem. E você, foi bem no serviço?

– Bem. E você em casa? A Paty acabou com a cólica? – Levanta a menina até o colo.

– Sim, fiz um chazinho pra ela.

– Que bom. Vou tomar um banho e depois quero descansar.

– Tá bom, amor. Vou esquentar mais água pro chimarrão.

Samantha toma a menina e ajeita-a num berço, num canto da cozinha. Coloca na mesa a cuia e a garrafa térmica. De soslaio, passa a vigiar a filha. Sente-se feliz porque Dênis já está em casa. A vida corre bem, pensa.

Enquanto seca-se à porta do banheiro, ele comenta:

– Bah, hoje cansei. Mesmo tendo o guindaste pra levantar o concreto, deu serviço pesado na firma.

– Ah, mas agora você vai descansar. O chimarrão tá pronto, quer um agora?

– Quero.

Senta-se ao lado dela. Quando estavam assim, no final da tarde, olhavam o mar pela janela. Nesse dia, as águas calmas proporcionavam-lhe algumas lembranças da fazenda. Mais ou menos, nessa hora, rascunhava uma carta para a mãe. Eram bons momentos, parava e também pensava na vida. Era igual ao mar no horizonte, tranquilo e sereno.

Por uns instantes, pensa na possibilidade de a mãe não ter recebido as cartas. Um dia Samantha falou nisso. Ela cobrava uma visita à mãe, queria conhecer a sogra e a cunhada.

Ela resolve interromper o silêncio:

– Sabe, amor, quando chega essa hora, penso na sogra. Ela não sabe de você, viemos pra cá fugidos, praticamente.

– Fugidos, não, nós decidimos. E ela não se importava comigo mesmo.

– Quem sabe as coisas tomaram outro rumo, amor? Reclama que foi abandonado na fazenda, mas não sabe das dificuldades dela.

– Não sei se tinha muita dificuldade. Escrevi cartas, meu coração ficou nelas, e dela nenhuma palavra.

– Um dia me disse que não tinha certeza se ela recebeu essas cartas.

Anoitece, a lua aponta no Atlântico. Vira para trás e vê a filha brincando com um chocalho, seus traços lembram Denise quando pequena.

Dividido entre o remorso e boas recordações de casa, quer ficar ali, olhando o mar infinito, juntando-se com o céu colorido de azul e de amarelo, as cores do ocaso.

Dênis sente saudades de casa, dá razão à Samantha. Talvez um dia acabe com isso porque seu amor não se esvaiu de todo.

Passo Fundo, verão de 2018.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br



André Rossi Canals

é professor de Geografia e História em Passo Fundo. Estreou na Literatura em 2015, com *Escolas Esparsas*, livro de contos e crônicas. Escreve para *Letras Santiaguenses*, jornal literário de circulação no Brasil e no exterior. Em outubro de 2016 ganhou o prêmio FLAL 2016- Festival de Literatura e Artes Literárias na Categoria Poesia. É membro permanente da IWA - Associação Internacional de Escritores e Artistas que tem sede em Toledo, EUA. Organizou a Coletânea de Crônicas 2017 do Projeto Passo Fundo. Participou da Coletânea de Poemas 2017 do mesmo projeto. Participou da antologia de contos *Acerca do Circo*, em 2017 pela Physalis Editora. Em 2018, participou da coletânea de contos *Precisei Dizer Adeus* pela Planeta Azul - Editora, Rio de Janeiro.

É uma história dos descaminhos de uma mãe e seu filho. Antônia, quando jovem, teve muitos problemas com seu pai. Quando ganhou Dênis, seu Antônio expulsou-a de casa. Na adolescência do filho, ela e o marido internam o menino numa fazenda de recuperação. Longe de casa, o jovem resolve comunicar-se com a mãe por cartas. Quando juntos, mãe e filho têm difícil convivência. Separados, o que poderia uni-los?



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

